

As más notícias calçam tamancos enquanto as boas notícias andam com pezinhos de lã

Provérbio galês

FÉRIAS EXÓTICAS.....	1
O COLOSSO VERDE.....	2
UM VERÃO PORTUGUÊS.....	2
MERIAM IBRAHIM.....	2
HÁ CEM ANOS, QUANDO AS LUZES SE APAGARAM	3
NA VIDA SÓ HÁ PROTAGONISTAS.....	3
O NOVO BANCO E UMA NOVA POLÍTICA.....	4
O ESTADO ESTÁ DEMASIADO OCUPADO PARA PODER	
VIGIAR BANCOS.....	4
ORAÇÃO DO MENDIGO:.....	5
RECORDANDO UM CÉLEBRE “MRCEEIRO DO PORTO”	
.....	5
FÉRIAS ROUBADAS.....	5
SÓ VISTO.....	6
“MUITAS EMPRESAS OLHAM COM DESCONFIANÇA	
PARA AS MULHERES COM FILHOS”.....	6
MALÉFICA E OS ABUTRES.....	8
REDESCOBRINDO O OCIDENTE.....	8
MACROSCÓPIO 2014.08.11.....	9
NÃO, NÃO É TUDO IGUAL.....	10
MINORIAS MENORES: OS CRISTÃOS DO MÉDIO	
ORIENTE.....	10
ROBIN WILLIAMS (1951 - 2014).....	11
ROBIN WILLIAMS, A NOITE E O RISO.....	11
A NOSSA FÉ DESPERTADA PELO SEU TESTEMUNHO	11
LAUREN BACALL (1924-2014).....	12
PE. MIGUEL PAJARES (1939-2014).....	12
SERÁ A VIOLÊNCIA NO IRAQUE O FIM DOS 2000	
ANOS DE CRISTIANISMO?.....	12
SANTA MISSA DE BEATIFICAÇÃO DE PAUL YUN	
JI-CHUNG E 123 COMPANHEIROS MÁRTIRES	
.....	14
UM TESTEMUNHO DE AMOR, O PAPA COM OS MAIS	
FRÁGEIS.....	15
A MATEMÁTICA DO IRÃO.....	15
O NORTE DA DEMOCRACIA.....	16
COISA RARA NUNCA VISTA NO PAÍS DOS CONTRASTES	
.....	17
O MUNDO ESQUECIDO QUE PIRES VELOSO	
REPRESENTA.....	17
FALTA PAPRIKA.....	18
O SUFOCANTE SILÊNCIO SOBRE A PERSEGUIÇÃO DOS	
CRISTÃOS.....	18
QUEM SE LIXA É A MCDONALD'S.....	19
EUROPA: O MUNDO ESTÁ A ENTRAR-LHE PELA CASA	
DENTRO SEM PEDIR LICENÇA.....	19
ESTADO ISLÂMICO: UMA VOCAÇÃO TOTALITÁRIA?	21
CARTA ABERTA AO DOUTOR RICHARD DAWKINS?	22
E POUCO SE FALARÁ DO QUE SE PASSOU ONTEM?	22
SENHOR JIHADISTA, POSSO TER A GRÃ-BRETANHA DE	
VOLTA? OBRIGADA.....	22
AS REUNIÕES DE JOVENS PELO FACEBOOK E A OUTRA	
POBREZA.....	23
MISTÉRIOS DA FÉ: OS ZÉS QUE FAZEM FALTA	23

Férias Exóticas

Gonçalo Portocarrero de Almada
IONLINE em 2 Ago 2014

Muito se preza a assistência social que a Igreja presta, sobretudo aos mais necessitados, mas geralmente subestima-se a sua prestação cultural.

Se alguma instituição, nacional ou internacional, oferecesse, gratuitamente, a todos os cidadãos, um sarau cultural em que se proclamassem quatro textos de grandes mestres da literatura universal e, ainda, se desse uma conferência a esse propósito, seria de aproveitar a ocasião, não acha? Se a oferta também incluísse a visita a um monumento nacional e uma actuação coral de qualidade, não perderia essa oportunidade, não é verdade?

Pois bem, isso que nem o Estado, nem nenhuma outra instituição cultural consegue realizar, men-

A not so silly season

Já é um velho hábito assinalar o regresso do Povo na sua versão de correio electrónico no início de Setembro após as férias de Verão, com uma edição do Jornal das Boas Notícias.

A ideia era mostrar que, também no Verão, na vulgarmente chamada *silly season*, aconteciam as mesmas coisas que acontecem no resto do ano.

Porém, até para os meios de comunicação social de maior projecção este Agosto foi cheio de acontecimentos notáveis.

Por isso, no blog do Povo o mês de Agosto foi um mês cheio de entradas.

Esta edição do Jornal das Boas Notícias (a 29.ª) procura seleccionar o que foi acontecendo neste intenso mês de Agosto:

- Desde o centenário da Primeira Grande Guerra ao caso Espírito Santo; das mortes de celebridades (Robin Williams, Lauren Bacall à morte de pessoas simples e até aí anónimas, Pe. Miguel Pajares, James Foley e de pessoas que nos são próximas (Zala) ou forma decisivas na história recente (Pires Velosos) dos focos de guerra na Ucrânia e no Médio Oriente à violência extremada dos jihadistas. No meio da violência sobressai a mensagem de paz do Papa Francisco na sua viagem à Coreia do Sul
- Fico impressionado com a quantidade de assuntos que enchem as notícias de um mês.

Boa leitura

Pedro Aguiar Pinto

sal ou anualmente, é o que, todas as semanas, a Igreja católica oferece, gratuitamente, a fiéis e infiéis, em quase todas as localidades do país.

A eucaristia é, para os cristãos, a renovação do sacrifício de Cristo na Cruz, um tempo de adoração e de oração litúrgica partilhada. Mas também é, para todos, um acto cultural. Desde logo pelo local, tantas vezes tão artístico, que a mera presença nesse espaço é já uma lição de arte. A leitura de, pelo menos, quatro textos da Bíblia, que só se repetem de três em três anos, é uma aula sobre a principal obra da literatura mundial. A homilia é, afinal, um exercício de interpretação literária que também se oferece e, às vezes, padece-se. Os cânticos, quando de qualidade, enriquecem a própria celebração que, por vezes, nada tem a invejar à actuação dos melhores coros musicais. Os tempos de reflexão individual são uma visita guiada ao interior de nós mesmos e, os actos comunitários, um flash-mob de espiritualidade e de compromisso social. Seja exótico nas férias e vá para fora cá dentro. Vá à missa e deixe-se surpreender pela beleza de Deus. E, se o argumento cultural o não convencer, que o persuada uma razão económica: é grátis.

O colosso verde

Manuel Villaverde Cabral
OBSERVADOR 2/8/2014

Com o andar da crise, os bancos perceberam que, na pior das hipóteses, seriam todos eles salvos pelo Estado de uma maneira ou de outra. Foi certamente o que então pensou o Grupo Espírito Santo.

Afinal, tudo começou há cerca de seis anos quando o governo de então (Sócrates, 2008) nacionalizou o BPN e fez gastar ao Estado português uma boa meia dúzia de milhares de milhões de euros com o pretexto de que "o risco era sistémico". Cinco anos depois, Sócrates continuava a dar como pretexto para essa nacionalização a falência do Lehman Brothers que alegadamente desencadeara a maior crise financeira e económica desde 1929, como se o banco norte-americano pudesse ser comparado à chafarica do BPN, e repetia que tinha fôra "a melhor decisão na altura" (Jornal de Negócios, 28 de Março de 2008)...

Além do dinheiro que ainda estamos a pagar por causa disso, a funesta ideia de "salvar os acionistas do BPN" não caiu em orelhas moucas. Com o andar da crise, os bancos perceberam que, na pior das hipóteses, seriam todos eles salvos pelo Estado de uma maneira ou de outra. Foi certamente o que então pensou o Grupo Espírito Santo, cujo envolvimento com o Estado português era já bem conhecido há muito e orçava então por verbas muitíssimo maiores do que as do pequeno BPN como agora se está a descobrir.

Em todo o caso, foi algo semelhante que se passou mais tarde, a partir da chegada da troika com 12 mil milhões de euros de dívida para salvar os bancos portugueses. Nesse momento, o BES disse altaneiramente não precisar da ajuda do Estado, optando por fazer um aumento de capital da ordem dos mil e tal milhões junto dos seus próximos. Confesso a minha ingenuidade ao pensar, nessa altura, que a atitude do banco de se diferenciar deliberadamente não só da CGD estatal mas também do BCP e do próprio BPI, se deveria à arrogância da grande família tradicional de banqueiros – entretanto transformados em empresários de tudo e mais alguma coisa, desde que Cavaco Silva reprivatizou o banco – que assim pretenderia mostrar que não precisava de ajudas dos credores internacionais nem do novo Governo português...

Talvez já houvesse então quem percebesse o que se estava a passar mas, se assim foi, calaram-se como de costume e varreram a porcaria para debaixo do tapete. Agora é que ficámos todos a saber que a aparente arrogância da família não era mais do que um derradeiro artifício para impedir a entrada do Estado e da troika na contabilidade supercriativa à qual o GES já se dedicava há muito tempo. Tarde demais. Quando eu próprio escrevi há poucas semanas, fazendo coro com outros comentadores, que o facto de o governador do Banco de Portugal, do primeiro-ministro e do próprio presidente da República virem dizer que a situação do BES era "saúdável" constituía uma notícia muito inquietante, pois uma declaração desse teor só poderia soar a falsa aos entendidos e dar dores de cabeça ao resto das pessoas.

Infelizmente, os cétricos é que tinham razão, como sucede em geral. E aí está. Neste momento, já é o governador do BdP que proclama ser indispensável que o Estado entre no capital do BES em vias de se esfumar na bolsa. E os novos administradores do BES, ao descobrirem a dimensão gigantesca do buraco, pretendem agora – sem piada – uma parceria público-privada de novo tipo para

refinanciar aquele que chegou a ser o maior banco português. E por mais que não queiram, como Passos Coelho e Maria Luís Albuquerque afirmaram de pés juntos e eu acredito neles, a verdade é que o Governo está a preparar-se para injetar não se sabe quantos milhares de milhões no banco, ficando virtualmente dono do "colosso verde". Haja ainda um resto de dinheiro da troika para esse efeito, como se tem dito. Mas alguém terá de o pagar.

Ora, os bancos intervencionados nos últimos três anos, ao abrigo do programa de ajustamento com os credores, já começaram inclusivamente a devolver os empréstimos com alguns juros que algo compensam o Estado. Era o que deveria ter acontecido com o BES se os tentáculos do polvo não estivessem já roídos seja pela ganância dos proprietários, seja pelo desmoronamento do conglomerado de empresas e participações, seja pela simples incapacidade de navegar nas novas águas da contenção financeira, ou tudo junto, o facto é que agora é tudo mais tardio, mais gigantesco e mais difícil de absorver, se isso ainda for possível. Talvez seja por isso que Maria Luís não foi para Bruxelas, quem sabe?

E resta a hipótese conspiratória – onde há sempre uma ponta de verdade, nem que seja à posteriori – de que alguém esperou que o Governo terminasse o ajustamento, a troika se fosse embora e boa parte da população desse um suspiro, se não de alívio, pelo menos de esperança que as coisas ficassem por aqui, para reabrir a caixa de surpresas e ameaçar recomeçar todo o cenário dos cortes, da quebra da economia e do aumento do desemprego. Sem excluir do horizonte que haverá "primárias" do PS muito em breve e eleições legislativas em 2015 e presidenciais em 2016. O pânico que poderá apoderar-se de muita gente com a queda do "colosso verde" é suscetível, por seu turno, de influenciar todos esses processos eleitorais. Ou não será?

Um Verão português

ALBERTO GONÇALVES

DN 2014.08.03

Para um país cuja actualidade é tão pateta durante o ano inteiro, seria de esperar que a silly season portuguesa não se distinguisse das temporadas restantes. Gloriosamente, distingue-se: o nosso Verão consegue elevar o ridículo a níveis desconhecidos para cá da Venezuela, onde "um passarinho" acaba de contar ao Presidente Maduro que Hugo Chávez - o "grande profeta" - se sente "feliz".

Ele é a passagem à "clandestinidade revolucionária" do Partido da Nova Democracia na Madeira, embora que se saiba ninguém, incluindo os cidadãos com direito de voto, persiga a referida agremiação. Ele é a "praia urbana" no centro de Lisboa. Ele é a "pipa de massa", o termo técnico utilizado por Durão Barroso para explicar a próxima vaga de fundos europeus. Ele é o "génio do Euromilhões" que descobriu que a multiplicação das apostas aumenta a probabilidade de sucesso e nem assim arranja 500 euros para ir aos EUA apresentar a boa-nova. E ele é o presidente de uma Federação Portuguesa de Ciclismo, que quer os automobilistas a pagar os acidentes provocados pelos ciclistas (ou apenas os acidentes de autoria duvidosa, as notícias não são claras).

O caso do senhor José Caetano merece atenção redobrada. Segundo este repentino herói da classe operária, quem anda de bicicleta fá-lo por falta de dinheiro para um carro, um passe social ou, lá está, um vulgar seguro de responsabilidade civil (cerca de 25 euros, pelas minhas pesquisas). Como é que semelhante desgraçado foi capaz de comprar uma bicicleta é mistério que me escapa. Mas essa não é a questão levantada pelo senhor José Caetano. A questão é a necessidade de constatar com urgência que todos os condutores de automóveis são uns nababos arrogantes e empenhados em estraçalhar os sucessores de Eddy Merckx que se lhes atravessem à frente. A questão é a presunção da inocência dos que têm menos, ou dos que aparentam ter menos.

Razão tinha Enver Hoxha, que por via das dúvidas pôs os albaneses em peso a pedais. Na falta de regime tão justo, Portugal debate-se com os ressentimentos decorrentes da desigualdade, os quais levam o milionário do Hyundai a maltratar o pobre que sprinta na contramão e, para cúmulo, a exigir o arranjo do pára-choques. No fundo, é a lengalenga do Brecht, do rio e das margens revisitada. E é a luta de classes em versão Código da Estrada. Certo, certo é que as massas se agitam e a revolução não tarda. Só se atrasou um bocadinho porque de bicicleta as massas demoram a chegar.

Meriam Ibrahim

José Maria C. S. André

«Correio dos Açores», 3-VIII-2014

A fonte é directa. Uma equipa de teólogos redigia um documento da Santa Sé sobre como actuar perante dilemas políticos difíceis. Ponderavam que, em certas condições, às vezes se podia aceitar uma alternativa parcialmente má, se não fosse realista conseguir uma solução completamente boa. Os matizes

estavam lá todos, naquele texto, e toda a prudência, mas o Papa João Paulo II avisou-os: «os senhores não excluam o heroísmo!». Às vezes, é possível escolher o silêncio e fingir que não se vê. Mas também é legítimo não ficar calado, por piores que sejam as consequências.

Lembrei-me de uma mulher do Sudão, de 26 anos, elegante, com o curso de Física, que passou torturas e humilhações por se recusar a deixar de ser católica. Primeiro, foi despedida e obrigada a fazer serviços humildes e mal pagos. Aceitou. Depois foi presa. Não cedeu. Torturada. Manteve-se fiel a Deus. Finalmente, condenaram-na à morte e esteve à beira de morrer.

O Papa Francisco mexeu-se para a salvar e o movimento internacional que se gerou obrigou as autoridades a desistir da condenação e a deixá-la sair do país. A Meriam Yahia Ibrahim Isha e o marido Daniel Wani, gravemente doente, têm dois filhos pequenos. A mais nova, a Maya, nasceu em Maio passado, na prisão.

Ao saírem do país, quiseram ir direitos a Roma. «O Papa – referiu o porta-voz Vaticano – agradeceu à Meriam o seu testemunho de fé» e ela e a família «agradeceram ao Papa a proximidade, as orações e o seu apoio e o apoio da Igreja». O porta-voz do Vaticano diz que o encontro foi «muito sereno e afectuoso». O Papa «quer estar próximo de todos os que sofrem pela fé, vivendo-a em situações de dificuldade e de provação, e por isso [este encontro] é também um símbolo, para além de uma ocasião tão maravilhosa».

A Meriam dizia aos jornalistas que estava feliz por ter conseguido fazer escala em Roma e acrescentou (não sei se isto é importante, mas chamou-me a atenção): «...tinham ido à Missa no Domingo, tinha voltado a viver».

O Papa não se cansa de resgatar gente da violência. Umás vezes consegue, outras não, mas insiste. Ainda este Domingo pedia que tivessem pena das crianças: «Com a guerra perde-se tudo e com a paz não se perde nada. Irmãos e irmãs: não mais guerra, não mais guerra. Penso sobretudo nas crianças a quem se rouba a esperança de uma vida digna e futura, crianças mortas, crianças mutiladas, crianças que brincam com resíduos bélicos: por favor, parem! Peço-vos de todo o coração, parem, por favor».

A acrescentou que «o cristão não pode esconder a sua fé, porque ela tem de transparecer em cada palavra, em cada gesto, até nos gestos mais simples do dia-a-dia». «Rezemos por intercessão da Virgem Maria...».

Noutro dia desta semana, o Papa lembrou a pérola do tesouro escondido e da pérola preciosa. O Reino de Deus é um tesouro que se encontra, uma pérola preciosíssima que se descobre. «Em ambos os casos, o tesouro e a pérola valem todos os outros bens (...) e quando os encontra, o negociante renuncia a tudo para os comprar. Não precisa de fazer muitas contas, de pensar, de reflectir: percebe o valor incomparável que encontrou e está disposto a perder tudo para o alcançar».

Lembrei-me da Meriam e da família, que tinham estado com o Papa. Lembrei-me da Asia Bibi, uma mãe do Paquistão que, por ser católica, está há cinco anos no corredor da morte, à espera de um desfecho que pode vir a qualquer momento. Uma pessoa vê estes exemplos e acaba a olhar para si própria. A minha fé transparece no quotidiano?... E se Deus me chamar hoje, eu respondo que sim?

Há cem anos, quando as luzes se apagaram

JOÃO CARLOS ESPADA Público 04/08/2014

Em vez de procurar os países "culpados" pela I Guerra, devemos recordar as ideias políticas que a propiciaram.

Hoje à noite, na Abadia de Westminster, será celebrado um serviço religioso em memória de todos os que caíram na I Guerra Mundial. Pelas 22h, as luzes da abadia serão apagadas uma após outra, até restar apenas um ténue candeeiro a petróleo, junto da campa do Soldado Desconhecido.

Às 23h — cem anos depois de o Reino Unido ter declarado guerra à Alemanha, por esta ter invadido a Bélgica — também essa luz será apagada. O mesmo acontecerá em vários edifícios públicos, incluindo o Parlamento. Todos os cidadãos britânicos são convidados a seguir um procedimento semelhante nas suas casas.

Escrevendo no Telegraph de sábado passado, Charles Moore (biógrafo de Margaret Thatcher e antigo director daquele jornal) recordou que o Reino Unido é o único país europeu "que esteve no lado certo nas duas guerras mundiais, que lhes sobreviveu sem ser conquistado, e que mantém, sem rupturas, o mesmo sistema constitucional que existia antes dessas guerras". Apesar disso, ou por isso mesmo, ele considera totalmente apropriada a forma discreta e inclusiva com que o seu país vai assinalar o centenário da I Guerra Mundial.

Julgo que tem razão. Em vez de procurar os países "culpados" pela I Guerra, devemos recordar as ideias políticas que propiciaram os comportamentos que conduziram à guerra.

Basicamente, essas ideias exprimiam uma reacção contra a atmosfera moral e cultural que presidira aos cem anos de paz e crescimento económico ocorridos entre o fim das guerras napoleónicas (1815) e o início da I Guerra (1914) — um período por vezes designado por Pax Britannica.

Podemos agrupar essas ideias reaccionárias/revolucionárias em três categorias principais: (1) o proteccionismo nacionalista; (2) a ideologia da luta de classes; (3) o nihilismo anticristão. Friedrich List (1789-1846), Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Nietzsche (1844-1900) foram os autores, entre muitos outros, que mais se celebrizaram na defesa dessas ideias.

List, de longe o mais moderado, publicou em 1841 um best-seller europeu que deu pelo nome de O Sistema Nacional de Economia Política. Aí criticou aquilo que designou por "a escola", referindo-se ao ideário do comércio livre e do governo imparcial, limitado pela lei, que tinha sido defendido por Adam Smith em A Riqueza das Nações (1776). Em alternativa, defendeu que os governos nacionais deviam proteger e incentivar sectores económicos específicos, promovendo uma espécie de "guerra económica" pela supremacia nacional. Ainda que não intencionalmente, as ideias de List promoveram o proteccionismo nacionalista na Europa, onde antes tinha sido dominante a prática do comércio livre.

As ideias de Karl Marx são conhecidas, embora o seu alcance permaneça mal compreendido. Basicamente, Marx desencadeou um ataque fulminante contra o Estado de direito e o sistema parlamentar, acusando-os de servir uma classe economicamente dominante. Segundo ele, os princípios da igualdade perante a lei, da separação de poderes e do governo que responde ao Parlamento eram pura hipocrisia. No seu lugar, colocou a crua guerra pelo poder nu, absoluto e arbitrário, sem limites legais, em nome dos interesses dos pobres, liderados pelo proletariado e pelo seu partido de vanguarda, o partido comunista. Nietzsche foi, a meus olhos, o mais desagradável. Onde Marx e, em grau menor, List tinham instalado o relativismo dos meios ao serviço de fins considerados "bons", Nietzsche instalou o relativismo absoluto — de meios e de fins. Denunciando o "moralismo inglês de lojistas e comerciantes", pregou uma nova "moralidade", que devia estar "para além do bem e do mal": a chamada "vontade de poder". O alvo central dos seus ataques foi a mensagem moral cristã — que ao longo dos séculos permitira à civilização europeia conter o arbítrio da vontade sem entraves, sob o imperativo moral do sentido de dever, fundado na lei natural, a lei de Deus.

As ideias de List, Marx e Nietzsche anunciavam um mundo novo, liberto dos preconceitos antiquados da "velha Europa" — preconceitos que tinham sido subscritos por antiquados autores europeus, como Aristóteles, Tomás de Aquino, John Locke, Montesquieu, Adam Smith, Edmund Burke, Immanuel Kant ou Alexis de Tocqueville.

Na noite de 4 de Agosto de 1914, um gentleman antiquado intuiu os efeitos catastróficos que adviriam da "libertação" desses velhos preconceitos europeus. Chamava-se (Sir) Edward Grey, era ministro dos Negócios Estrangeiros britânico e terá dito: "The lamps are going out all over Europe; we shall not see them lit again in our life."

Na vida só há protagonistas

JOÃO CÉSAR DAS NEVES
DN 2014.08.04

Cada pessoa é um mistério, um abismo, uma totalidade. Os antigos caracterizavam-no tomando o ser humano com um "microcosmos": todo o universo cabe numa pessoa. Esta é uma das verdades mais óbvias, seguras e influentes da humanidade, que no entanto a nossa cultura pretende negar.

O tempo actual tem várias características inovadoras; uma das mais relevante é viver mergulhado em ficção. Em todas as épocas e culturas, a sociedade sempre se elevou e distraiu através de arte, teatro, literatura, poesia. Hoje, o divertimento entrou em overdose, passando de remédio a vício. Através da internet, da televisão, dos jornais, das revistas e, menos, dos livros, o ser humano contemporâneo passa grande parte do seu dia, não na vida própria mas na alheia, frequentemente fictícia, por vezes impossível. Muita gente vive menos tempo em família do que na Guerra dos Tronos, no World of Warcraft ou no The Huffington Post. Esta embriaguez de ilusão tem vários efeitos, positivos ou negativos, mas um dos mais influentes é dar vida à figura mais mítica e irreal que se possa imaginar: o figurante. Na generalidade das histórias e dos enredos modernos, a narrativa é feita a partir de um herói ou de um punhado de figuras centrais, rodeados por entidades secundárias e silenciosas. Comparando a Divina Comédia de Dante, as crónicas de Fernão Lopes ou as peças de Gil Vicente com os romances actuais, vê-se a radical diferença estrutural onde, da generalização de protagonistas, se passou à banalização dos figurantes. Também a ênfase actual na ciência, na técnica e na economia, até na arte e no desporto é predestinada a separar protagonistas e figurantes. Antes, a excelência máxima era o santo, figura igualitária por natureza; hoje, o centro está no génio, essencialmente elitista.

Isto constitui uma terrível simplificação pois cada um é um mistério, um abismo, uma totalidade; não apenas as principais, mas todas as personagens. Adoptando assim um ponto de vista particular, cada enredo moderno constitui uma dramática redução da realidade. Pior, mergulhados em ficção, muitos hoje trazem-na para a sua vida real, esquecendo que na existência só há protagonistas. Assim, num tempo que se pretende igualitário e autónomo, este preconceito subtil distorce fatalmente a sociedade.

O vício não é novo. O ser humano, que sempre se considerou um abismo, tem tendência a tomar os outros como superficiais, simplistas, manequins. A Antiguidade chegou a institucionalizar a clivagem fundamental em castas e servidões. O escravo, por definição, é apenas figurante, nunca protagonista. Também os cultos esotéricos dos antigos mistérios, de onde nasceram as modernas maçônicas e os movimentos gnósticos, formalizam a distinção entre iniciados e outros.

A revolução, também aqui, surgiu com Jesus Cristo, numa das suas maiores influências sociais. Ao dizer "sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25, 40), Jesus consagrou um mundo de protagonistas. O Evangelho é um livro em que à volta da figura transcendente todos se assumem como centrais. No Novo Testamento não há figurantes. Os séculos seguintes, impregnados por esta visão subversiva, afirmaram a radical igualdade humana. A literatura e a arte medievais, em geral anónimas e comunitárias, não exaltavam figuras particulares porque todos eram protagonistas. A diferença é subtil, porque a sociedade era estratificada; no entanto, todos sabiam ter a dignidade

de filhos de Deus.

A ruptura veio na Modernidade. Apesar de afirmar os direitos político-sociais, ela abandonou a pouco e pouco o axioma antropológico. O princípio da igualdade é abertamente afirmado, mas, individualista ou colectivista, perdeu o fundamento transcendente. Hoje, os livros policiais e os romances de aventuras repetem a linha da Ilíada e da Odisseia, obras classistas onde a cada passo se sublinha a radical diferença entre o talento e a plebe, algo ausente dos Autos das Barcas.

Proclamar direitos humanos não chega. Só amando o próximo como a si mesmo se entende que a vida tem apenas protagonistas.

O Novo Banco e uma nova política

JOÃO MIGUEL TAVARES Público 05/08/2014

Sem uma nova política jamais teria sido possível um Novo Banco – e isso deve ser sublinhado.

Seria muito fácil estar aqui a fazer a lista de todas as coisas que podem correr mal, ou que simplesmente não estão bem explicadas, na solução encontrada pelo Banco de Portugal e pelo Governo para o descalabro do BES. Também não seria difícil apontar contradições nos discursos de Carlos Costa e Passos Coelho. Mas, muito de vez em quando, convém pôr em suspensão o modotrauliteiro com que habitualmente nos dirigimos a quem manda em nós, olhar bem para o contexto, e reconhecer o esforço feito para encontrar uma saída justa e decente para a injusta e indecente gestão do Banco Espírito Santo.

Isto não é, de todo, habitual. A política e a economia não são actividades de meninos de coro, e num país tão pequeno e informal como o nosso os interesses corporativos têm uma força desmesurada. E é precisamente por ser tão pouco habitual que deve ser celebrado – este fim-de-semana houve muita gente, do Banco de Portugal ao Governo, passando pela própria Presidência da República, que esteve empenhada em defender o interesse nacional, e que quando foi obrigada a escolher entre contribuintes e accionistas, optou por proteger os contribuintes e deixar cair os accionistas. Parece evidente, não é? Só que ninguém antes o tinha feito. Há um ou dois anos, o BES teria sido considerado too big to fail.

Perante isto, reagir à solução encontrada por Carlos Costa, Vítor Bento e governo com o velho encolher de ombros é apenas uma forma cínica de igualar tudo, como se entre BPN e BES não existissem diferenças radicais. Convém tirar a rezinga do piloto-automático. A solução encontrada para o caso BES foi o anti-BPN – antes, o que era bom (a SLN) permaneceu escandalosamente nas mãos dos accionistas, enquanto o que era mau (o BPN) ficou nas mãos dos contribuintes; agora, o que é bom fica nas mãos dos contribuintes (o Novo Banco), enquanto o que é mau (o lixo do BES) fica nas mãos dos accionistas. Esta solução, para os pequenos accionistas e para alguns credores, poderá até ser injusta – mas, por uma vez, ninguém poderá acusar o Estado de estar a manobrar para proteger os "poderosos". Mesmo que a venda do Novo Banco fique aquém dos 4,9 mil milhões agora injectados, é o sistema financeiro português que terá de assumir a diferença. O Zé Povinho fica de fora.

Claro que ainda falta um segundo momento em todo este processo – aquele em que os administradores do BES serão punidos pela justiça. As acusações de Carlos Costa foram de tal forma explícitas que ninguém pode acreditar que um buraco de cinco mil milhões de euros se cavou sozinho. O povo precisa desesperadamente de ver certos frequentadores da Comporta atrás das grades: nós não podemos continuar a viver num país em que o Sr. Santos vai preso porque roubou 100 mil euros com uma pistola, enquanto o Dr. Espírito Santo é convidado a demitir-se porque fez desaparecer 100 milhões de euros com uma caneta.

Mas se há muito por fazer, muito por julgar, e muita coisa para correr mal, a verdade é que nos últimos dias as instituições portuguesas e europeias enfrentaram competentemente uma situação difícilíssima. Quando até o PS reconhece isso, é porque estamos perante o óbvio ululante. Mais: se o governo vier a conseguir vender o Novo Banco até ao fim do ano, chutando-o para fora das contas do défice, então este será, após o "irrevogável", o segundo coelho consecutivo que Passos tira da cartola. O Verão faz-lhe bem.

O estado está demasiado ocupado para poder vigiar bancos

Maria João Marques | Observador | 6/8/2014

As prioridades são cristalinas, os recursos escassos e ao estado não se pode exigir fiscalização efetiva a bancos, pois está ocupado a enviar a ASAE e a ACT atormentarem as pequenas e médias empresas

Há dois organismos estatais pelos quais eu nutro um amor desmedido: a ASAE e a Autoridade para as Condições de Trabalho. São duas 'autoridades' (só o nome incita à rebelião) dedicadas à mais nobre função do estado português: multar empresas – mesmo (ou sobretudo) quando as empresas não têm comportamentos lesivos para consumidores ou trabalhadores. Manda a seriedade

dizer aqui que por 'comportamentos lesivos' não estou a considerar a definição de 'lesivo' do estatístico médio, para quem a mera existência de empresas e consumidores já é lesiva.

Para ilustrar a ASAE socorro-me de casos que o blogger Helder Ferreira contou sobre clientes seus que foram multados aos milhares de euros. Os pecados fulminantemente mortais? As etiquetas do preço de umas carteiras estavam dentro das próprias carteiras, um sinal de proibido fumar estava pousado num móvel em vez de afixado na parede e óculos exibidos num expositor fechado cuja etiqueta com o preço (são pequeninas) não era visível fora do expositor.

Há que louvar tanto fervor fiscalizador, de resto essencial para a saúde mental das populações. Imaginem um consumidor mais arrebatado que se apaixona por uns óculos ao vê-los num expositor. São inimagináveis os danos provocados nesse consumidor pelo tempo que decorre até o vendedor da loja lhe comunicar o preço. Ou pela espera excruciante a que é obrigado se o vendedor tiver de abrir o expositor para o informar. Parece-me evidente que qualquer estado respeitador dos direitos humanos tem de evitar a todo o custo experiências traumáticas como estas aos seus cidadãos. Demos graças pela ASAE. E pelos legisladores que inventaram tais imposições legais, os que não as revogaram e quem deu poderes à ASAE para os fiscalizar.

Felizmente não somos os restantes países europeus (uns bárbaros), cheios de montras que não ostentam os preços dos seus produtos (omissão que nós, civilizados, punimos com multa de milhares de euros), obrigando os consumidores a entrarem nas lojas se os quiserem saber. Ou albergam lojas de marcas de luxo onde se vendem, lado a lado numa intolerável promiscuidade, produtos de ouro e prata e roupa, sapatos, carteiras e toda uma panóplia de acessórios. Por cá não é permitida tal rebaldaria: ou vende produtos de ourivesaria ou vende acessórios e roupa, não vá uma pessoa confundir-se e gastar numa capa para o iPad o dinheiro dos botões de punho em prata com ónix que ia dar ao marido no aniversário.

Da ACT podia contar o caso de um cliente que teve uma multa de 6000€ à conta de burocracias e acabou fechando a empresa. Mas é mais inspiradora a visita de boas-vindas da ACT à minha empresa quando nos instalámos fora de Lisboa. Procuraram incansavelmente as grilhetas com que acorrentávamos os trabalhadores, os alçapões onde armazenávamos sarawaks em regime de escravatura, exigiram envio de documentação absurda que nada tinha a ver com recursos humanos. (Eu aconselhei desobediência e uma carta ao Provedor de Justiça queixando-nos do abuso da ACT, mas há gente mais conciliadora do que eu na empresa.)

Finalmente veio o veredicto: obrigavam-nos a colocar um banco na casa de banho do pessoal de armazém. (E, bondosos, não multaram).

Perante isto, se no passado fim de semana se sentiu incomodado porque o governador do Banco de Portugal deu antes informações que sabia estarem erradas sobre a solidez do BES, se estranhou que mantivesse em funções quem sabia ter montado um 'esquema fraudulento' no GES, se considerou incompetência crassa autorizar um aumento de capital no BES quando já havia indícios de irregularidades superiores às comunicadas aos mercados, deixe lá de ser picuinhas.

Há que mostrar trabalho de fiscalização em algum lado e as PME são um alvo tão mais fácil. Com as PME não se corre o risco de vir a precisar que

dêem empregos; e Portugal é uma casca de noz e os grandes empresários e banqueiros e os políticos e reguladores encontram-se todos nos mesmos sítios. Criar mau ambiente (só porque uns fiscalizam outros) em eventos sociais é que não poder ser. Já os pequenos e médios empresários, esses arrivas, quem são?

As prioridades são cristalinas, os recursos não chegam para tudo e ao estado não se pode exigir fiscalização efetiva a bancos (delegada no BdP), e com a desculpa esfarrapada de ser um setor fundamental para a atividade económica, porque está ocupado a acautelar bens maiores. Exemplos: garantir que não decorre tempo entre ver um objeto e saber o seu preço e assegurar que um trabalhador pode sentar-se a descansar no caminho entre o urinol e o lavatório.

Oração do Mendigo:

Tudo no Teu Amor!
Eu sou tudo no Teu Amor.
Por isso me lanço
suspenso
confiante
e nu.

Zala (21.12.57 - 07.08.14)

recordando um célebre "morceiro do porto"

8 AGOSTO, 2014 *Blasfémias by rui a.*

Semanas depois de ter enfiado 900 milhões de euros numa empresa já reconhecidamente falida, e de aparentemente o ter feito sozinho, sem ter sequer consultado os seus colegas da administração, o cidadão Granadeiro apresentou a demissão de todos os cargos que exercia na PT. Alega só agora o ter feito para cuidar dos interesses dos accionistas, que, a avaliar pela forma exemplar como os tem ultimamente defendido, lhe devem ter ficado imensamente gratos por mais estes preciosos dias passados à frente da empresa. Quanto à massa "emprestada", uma "pipa" dela, como diria o cessante presidente Barroso, foi-se pelo ralo da pia ou pelo cano de esgoto, conforme as preferências de estilo. Já sobre as razões que o terão levado a tomar tão notável acto de gestão, que ditou o fim dos seus dias à frente da empresa (dessa e de outra qualquer, num país normal), Granadeiro limitou-se a dizer que a auditoria mostrará "que agi nos interesses da empresa".

Esta miserável estória de contornos sicilianos tem somente um único mérito: demonstra, à evidência, as razões pelas quais um célebre "merceiro do Porto" nunca poderia ter ficado à frente dos destinos da PT, e o que levou à traóia que juntou todos os interesses do regime para impedir que ele assumisse o controlo da empresa, como teria sucedido pelas normais regras de mercado que esses interesses cuidaram de corromper. Ou será que alguém concebe o hoje demissionário CEO a "defender" deste modo os accionistas da PT, se Belmiro de Azevedo comandasse a empresa?

Férias roubadas

*Inês Teotónio Pereira
online 2014.08.09*

Qualquer reunião do conselho de administração do BES mau é menos assustadora que a logística e a trabalhadeira na preparação de uma ida à praia com crianças

Quando se tem filhos deixa de se ter férias. É uma espécie de karma: queres filhos? Então, ficas sem férias durante uns aninhos. As nossas férias são usurpadas no preciso momento em que dá à luz. São mesmo roubadas. Até os nossos filhos crescerem as nossas férias são deles. Apenas deles. O tempo que sobra nas férias para gozarmos verdadeiramente as férias - ou seja, aquele tempo maravilhoso em que eles estão a dormir - estamos de tal maneira cansados que também o gastamos a dormir e a sonhar com a escola e com o silêncio do escritório. Entretanto, somos meros animadores de campos de férias, cozinheiros, nadadores-salvadores e motoristas. Os horários são espartanos porque os bebés e as crianças mais novas não percebem que a manhã também pode servir para dormir. Eles recusam-se a aceitar esta ideia, por mais tarde que se deem. E deitam-se sempre tarde porque, adivinhem, estão de férias.

Nas férias não temos tempo para nada. O nosso tempo é deles. E o tempo, quando entregue às crianças, torna-se infinito. Uma hora na vida das crianças consegue ser tão estafante quanto a meia maratona percorrida por atalhos, sem percurso definido. Elas têm todas um problema sério que é absolutamente inconciliável com o conceito de férias: não sabem estar paradas. Parar é

mesmo um castigo. E quando se cansam, basta descansarem dez minutos para voltarem à acção. E o que é a acção? Correr, trepar, gritar, embirram uns com os outros e arriscarem a vida e a integridade física pelo menos duas vezes por dia. O mais injusto é que nas férias as crianças têm o dobro da energia. Enquanto que durante o período de aulas grande parte dessa energia é gasta nos exercícios de matemática e a decorar conceitos, nas férias o cérebro entra em modo de pausa e não nos ajuda a estafar a criançada. Somos nós, apenas nós, pais cansados de um ano de trabalho de pais e de trabalho remunerado, os responsáveis por divertir, entreter e proporcionar uma boa e descontraída vida aos nossos filhos. Sem pausas. Ler, por exemplo, é um mito. Ler como e quando? O máximo que se consegue ler durante as férias são crónicas tipo esta e enquanto se vai à casa de banho. Toda a literatura que jornais e revistas recomendam é apenas para quem consegue estar mesmo de férias. No meu caso, agradeço que recomendem tudo outra vez em Setembro.

Sim, é verdade que durante as férias vamos à praia, é um facto. Mas o que é uma ida à praia na vida de uns pais de férias? É toda uma empresa antes, durante e depois. Qualquer reunião do conselho de administração do BES mau é menos assustadora e complicada que a logística e a trabalhadeira na preparação de uma ida à praia com bebés e crianças. Nesta empresa é preciso não descurar os pormenores, ter atenção às horas de sol, arranjar lugar para o carro a uma hora em que os lugares estão todos ocupados por pessoas que vão para a praia sem crianças e manter a calma e a paciência apesar do calor. Qualquer erro, pode tornar a ida à praia num pesadelo. E na praia continua o stresse. O stresse que atinge o seu ponto auge quando alguma das crianças se lembra que quer fazer cocó. Não, ninguém nos preparou para isto. Como é que se faz cocó numa praia?

O pior de tudo é que as crianças acham que durante as férias têm direito a tudo. Acham genuinamente que as obrigações também foram de férias e que só têm direitos. Elas querem divertir-se. Divertir-se muito e muitas vezes. Querem amigos, bolos, gelados, viagens e a ausência total de regras. Ora isto faz com que passemos metade das férias deles a gritar com eles e a outra metade a dizer que não aos milhões de pedidos de bolos, gelados, combinações com amigos e viagens. Estas férias levei os meus filhos cinco dias ao Minho. Férias em família. Fui várias vezes à serra de Sintra, ao jardim zoológico, a várias praias, ao cinema e mais praia. Mas do que eles gostaram mesmo foi de jantar e de almoçar fora quase todos os dias na viagem ao Minho... E agora têm como objectivo principal comer o gelado mais caro da Olá. Não dou. É este o meu statement das férias.

Só visto

Blasfémias, 10 AGOSTO, 2014
helenafmatos

Hoje assisti a vários noticiários televisivos. É uma experiência fantástica: indignam-se pq Passos não recebeu os manifestantes que protestavam à sua porta. Eram sem alminhas mais o bombo. Mas a pivot estava muito indignada com a desfaçatez do pm. Depois da fase da maior manifestação de sempre estamos a caminhos da manifestação mais pequena de sempre mas no tom da cobertura nada muda.

Depois tivemos a faixa de Gaza. A saber o exército israelita ataca, dispara e mata. Do lado palestina-

no não há exército é a terra ela mesma, a faixa, quem dispara os rockets. Pelo meio apanhei uma peça delirante sobre o acidente aéreo em Teerão cujo segundo ouvi se deve ao embargo levantado ao Irão após o sequestro dos diplomatas norte-americanos. Teerão ainda não conseguiu que lhe vendam peças pq os americanos lhes levantaram sanções nesse tempo. Enfim para lá da má fé da explicação o avião em causa era um Antonov

Por fim cheguei ao Rui Veloso. Os músicos em Portugal agora não deixam de cantar porque lhes apetece, pq não têm público ou mais frequentemente pq muitas autarquias estão sem dinheiro e não os podem contratar com a frequência de outrora. Dizem que se retiram pq estão desgostosos com o país. Mas Rui Veloso disse mais. Disse o que Mafoma não diz do toucinho sobre os concursos televisivos que estão cheios de pessoas que cantam e que naturalmente preenchem o tempo outrora reservado aos artistas. Dessa parte as televisões não falaram. Não parecia bem.

“Muitas empresas olham com desconfiança para as mulheres com filhos”

ANDREIA SANCHES Público, 10/08/2014

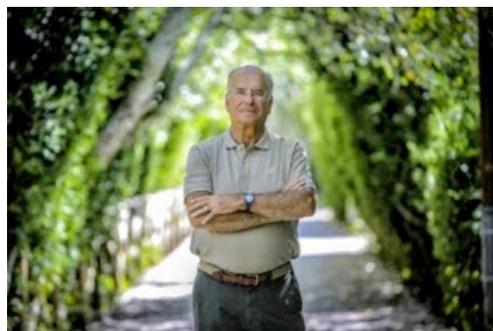
Elogia as medidas apresentadas pela comissão para a reforma do IRS: "Esperamos e temos fortes esperanças que os filhos passem a ser considerados como cidadãos." Mas Luis Cabral vai dizendo que também é preciso mudar a "mentalidade" das pessoas e das empresas para garantir que as famílias têm os filhos que desejam.

Luis Casal Ribeiro Cabral, especialista em ginecologia e obstetrícia, tem 12 irmãos e é pai de sete filhos, o mais velho dos quais é um padre de 43 anos. Com a excepção deste, todos os filhos do médico também já são pais ou mães — Luís Cabral conta com 18 netos, "a caminho de 20", que gosta de ter por perto, casa cheia.

Co-fundador da Associação Portuguesa das Famílias Numerosas (APFN), nascida em Abril de 1999 para representar famílias onde há pelo menos três filhos, pertenceu a várias direcções da APFN. Aos 68 anos, para além de exercer medicina, pratica ciclismo e ténis, faz voluntariado, é formador Centro de Orientação Familiar (Cenofa), pertence à direcção da delegação de Oeiras da Associação Coração Amarelo — que se dedica a combater a solidão dos mais velhos e não só.

Substitui Fernando Ribeiro e Castro, que morreu em Março.

O mais recente inquérito à fecundidade revelou que as pessoas dizem que desejariam ter 2,31 filhos, em média. Porém, têm menos — 1,21 é o chamado índice de fecundidade. A que se deve este hiato? É só a questão económica, é uma questão cultural?..



Não é uma questão de dinheiro. Os países que têm mais filhos são os mais pobres, do centro de África, e os que têm menos crianças são os mais ricos, América do Norte, Europa, Austrália... É uma questão de mentalidade...

E que mentalidade?

A escolha de ter filhos passa por milhares de factores, não é por ter mais poder de compra que se tem mais filhos.

Mas a maioria dos portugueses querem ter filhos, mostra o inquérito. E no entanto adiam, adiam e acabam por ter poucos — só um, na maior parte dos casos. No Norte da Europa também se adia. A questão é que quando no Norte da Europa decidem ter filhos as pessoas têm vários, como explicava recentemente a demógrafa Maria João Valente Rosa que diz que os portugueses pensam assim: "É preferível ter só um filho com mais oportunidades e menos restrições do que ter mais"...

Sim, pode haver, nalguns casos, essa mentalidade de querer dar tudo ao filho, do ponto de vista material. E é mais fácil dar tudo a um filho do que a dois ou a três... Mas quem puser o valor do dinheiro acima dos outros valores obviamente que não vai ter muitos filhos. Ou não vai ter de todo. Nós, como associação, respeitamos as opções de cada pessoa. Aquilo que defendemos é que aqueles que optam ou que, por acaso, têm mais filhos, não sejam prejudicados por esse facto. Não somos anti-natalistas, como é óbvio, mas também não somos pró-natalistas.

Neste momento, os governos ocidentais, nomeadamente na Europa, começam a preocupar-se com políticas natalistas, mas efectivamente é mais importante cuidar dos que já cá estão. Porque se essas políticas vão dar resultado ou não é uma incógnita...

Em alguns países têm dado...

Há países que já conseguiram reverter um bocadinho a quebra da natalidade,

como a França, mas ainda com valores muito baixos, que não chegam aos 2,1 [filhos por mulher, valor que garante a substituição das gerações]... O número de filhos que temos por casal leva-nos a olhar para nós quase como uma espécie em vias de extinção. Nós portugueses, nós ocidentais. Isto tem reflexos na economia, no Estado Social, de que tanto nos orgulhamos mas que não é sustentável desta maneira.

Vê as famílias numerosas como um exemplo?

É exactamente isso que penso. Devemos olhar para as famílias numerosas e defender os interesses das famílias numerosas para que os que queiram ter filhos — ou os que queiram ter mais filhos do que têm — vejam que é possível e que não serão prejudicados por ter os filhos que desejam.

O Governo pretende apoiar, com recurso a verbas europeias, o trabalho a tempo parcial [O ministro Mota Soares já explicou a medida assim: "Uma mãe ou um pai pode vir mais cedo para casa, pode eventualmente vir a trabalhar apenas meio dia, que o Estado suporta o restante"]. O que lhe parece? Há quem diga que isto vai penalizar as mulheres — porque na nossa sociedade na hora de ficar em casa ainda são essencialmente as mulheres que ficam. E isso tem consequências nas suas carreiras...

Das duas, uma: ou a sociedade — e os governos — está interessada e preocupada com esse assunto e quer efectivamente inverter esta situação de baixo índice sintético de fecundidade, de poucos filhos, da população estar a diminuir, de termos em breve sete milhões de habitantes, ou estão preocupados com isso e querem fazer alguma coisa, ou não estão. Se estão preocupados, isso passa pelo Estado, mas passa também pelas empresas, pelos cidadãos, pelos indivíduos. Como já falámos, é uma questão de mentalidade. Há muito a fazer por parte das empresas. Esse trabalho a tempo parcial, por exemplo, é uma coisa que pode facilitar a vida das mulheres. Uma mulher que pretende ter filhos deve ser enaltecida e não olhada de lado e não vista como uma pessoa que não rende à empresa.

Joaquim Azevedo, investigador que apresentou recentemente um plano de incentivos à natalidade, encomendado por Pedro Passos Coelho, disse há pouco tempo que há mulheres que são despedidas quando engravidam...

O que é lamentável. Por outro lado, o que foi feito [para incentivar a natalidade] tem de servir as duas partes, a empresa e o trabalhador, caso contrário a longo prazo não vai resultar. Uma coisa que observo, e sou obstetra, é que muitas vezes as grávidas com uma gravidez que está a decorrer normalíssimamente e sem qualquer incidente, metem baixa muito cedo, ou durante quase toda a gravidez. Ora a gravidez não é uma doença. Obviamente que há gravidezes patológicas e casos especiais, mas a gravidez não é uma doença. Portanto toda a sociedade tem de mudar um bocadinho a mentalidade. E claro, também as próprias empresas — sabemos que há empresários que pouco fazem em relação a uma mulher que engravida no sentido de lhe facilitar a vida.

Há trabalhos mais consentâneos com a condição de grávida, ou com a condição de ter filhos menores. Há possibilidade do trabalho em part-time. Há a possibilidade de as empresas terem creches para os filhos pequenos...

Há muitos anos que está na APFN: as empresas estão mais sensíveis ou nada mudou nos últimos anos?

Pouco tem mudado. E parece que até existe um certo receio em enaltecer ou incentivar a natalidade — como se se déssemos muitos incentivos

as mulheres desatassem para aí a ter filhos. Não é isso que vai acontecer. Muitas empresas olham com desconfiança e desprestigiam as mulheres que têm filhos.

36% das mulheres e mais de 40% dos homens acham que as crianças até à idade escolar saem prejudicadas quando as mães trabalham fora de casa. Nalguns casos, esta convicção, cria enormes sentimentos de culpa às mulheres.

A mentalidade tem que mudar, a mulher tem direito à carreira, a trabalhar e é possível perfeitamente conciliar trabalho e família. Não gosto de dar estes exemplos, mas a senhora que está à frente do grupo de electricidade francês tem sete filhos; a ministra da Defesa alemã também. Mas vamos falar das mulheres normais e conheço muitas mulheres, de minha família inclusivamente, que fazem uma carreira muito boa do ponto de vista profissional, com os seus filhos.

Ou seja, não é só ajudas estatais. Tem de haver uma mudança de mentalidades nas empresas, e entre nós todos, nos cidadãos.

Tem-se debatido muito a questão das ajudas...

O projecto da natalidade [apresentado por Joaquim de Azevedo ao Governo] e o anteprojecto de reforma do IRS... o simples facto do problema estar em cima da mesa, de estar a ser debatido, representa muito. Da parte de quem nos governa e dos partidos políticos, porque isto no fundo tem de ser transversal e todos os partidos se têm manifestado a favor da família. Nos últimos meses — ou se calhar, neste último ano — tem havido atitude pró-activa da parte de quem nos governa...

O que o líder da oposição, António José Seguro, veio dizer quando o plano da natalidade foi apresentado foi qualquer coisa como isto: apresenta-se um plano, mas as políticas do Governo nos últimos anos são anti-natalistas...

Claro que um contexto económico desfavorável com uma grande taxa de desemprego não é favorável. Essas medidas [do plano da natalidade] podem ser úteis para quem já tem uma certa base. E essa base passa pelo menos por ter um emprego.

O que tem a dizer sobre o que está a ser estudado do ponto de vista fiscal (a comissão para a reforma do IRS apresentou propostas em Julho)?

O que sempre temos defendido é que cada filho deve contar e esta taxa proposta no anteprojecto para a reforma do IRS, de redução de 1,5% na taxa de IRS para o primeiro filho e 2% para o segundo e restantes, é importante.

A concretizar-se, eram valores que contentavam a associação?

Já eram valores positivos. Relativamente à criação de um quociente familiar no IRS [que atribui uma ponderação de 0,3% por filho no cálculo do rendimento colectável], também é importante. Podia ser um quociente que podia ser um bocadinho mais aumentado, mas cá está, a situação do país... Por isso, para já, acho que é extremamente positivo haver esse quociente e a possibilidade de cada filho contar, embora ainda conte pouco. É um princípio...

Depois, a proposta de criação de vales sociais também é importante [segundo a o anteprojecto para a reforma do IRS as empresas vão poder pagar parte dos vencimentos dos trabalhadores em vales sociais de educação, para filhos até aos 16 anos, cujo valor ficará excluído de tributação].

Quais são hoje as bandeiras da APFN?

Uma das nossas bandeiras tem a ver com o consumo de água. O consumo de água de uma família numerosa é obviamente maior do que o de uma família mais pequena ou que tenha um filho ou dois e, por isso, subir de escalão não faz sentido, só pelo facto de ter 5 ou 6 filhos...

Mas muitos municípios já têm tarifas familiares.

Sim, 118. Em relação aos consumos de electricidade passa-se a mesma coisa. E em relação ao IMI também gostaríamos que fosse revisto para as famílias numerosas, porque se a pessoa precisa de ter uma casa um bocadinho maior devia ter algumas facilidades pelo facto de ter mais filhos.

Em relação à compra de um carro, sabendo nós que a partir de quatro filhos eles já não cabem num carro normal e a família vai ter de comprar um carro de sete lugares, de nove lugares, poderia haver alguma facilidade fiscal.

E em relação ao IRS, efectivamente gostaríamos — e esperamos e temos fortes esperanças que seja assim — que os filhos passem a ser considerados como cidadãos.

Tenho ouvido na comunicação social que estas medidas [fiscais propostas pela comissão para a reforma do IRS] são para beneficiar sempre os mesmos, em prejuízo dos que optaram por não ter filhos. Não sei porque se diz isso. Nunca ninguém nos facilitou a vida...

O que se passou foi que se anunciou que os agregados onde não há filhos vão passar a pagar mais de IRS. E a crítica é: para promover a natalidade é preciso penalizar quem não quer ou não pode ter filhos?

E não é preciso. E não faz sentido nenhum. Mas já foi desmentido que isso fosse acontecer.

A APFN foi ouvida na elaboração do plano de incentivo à natalidade? E para a elaboração do anteprojecto de reforma do IRS?

A nossa secretária-geral, a Dra. Ana Cid, foi uma das pessoas que fez parte dessa comissão da natalidade. E em relação ao anteprojecto de reforma do IRS

penso que vamos ser ouvidos, temos essa garantia.

Há uma relação próxima entre a APFN e o Governo?

Não, nunca houve, já passamos por muitos governos...

Mas com uns é mais fácil falar do que com outros?

Acho que todos os partidos estão sensibilizados e não queria fazer diferença. Este Governo preocupou-se, na prática, com a situação e apresentou este anteprojecto que já é algo de palpável, isso é um facto indelmentável. Mas a nossa ideia é estabelecer pontes com todos os governos.

Quantos sócios têm?

Cinco mil, seis mil. Gostaríamos de aumentar, será a maneira de defendermos as famílias numerosas. A quota é pequena: 35 euros anuais.

Os vossos sócios são, na sua maioria, pessoas com algum poder económico? É um luxo ter muitos filhos?

Não... quer dizer é um luxo sob o ponto de vista humano. Temos pessoas com poder económico médio e outras com um poder económico um bocadinho mais alto...E temos sócios com muito baixo poder económico, pessoas que telefonam constantemente para a associação a pedir auxílio, a pedir fraldas, a pedir material que lhes falta, mas que mesmo assim optaram por ter os seus filhos. E que não os largam por nada.

Maléfica e os abutres

JOAO CÉSAR DAS NEVES
DN 2014.08.11

Os estúdios Disney acabam de apresentar uma inversão do clássico infantil A Bela Adormecida (1697) de Charles Perrault. O vilão do filme Maleficent de Robert Stromberg (Maio 2014) é o rei, pai da princesa, passando a bruxa má a vítima benevolente. Transposição semelhante acontece na falência argentina de 30 de Julho.

A imprensa financeira gosta de contos de fadas com heróis (poucos), vilões (muitos e terríveis) e vítimas (nós). Aqui a Presidente Cristina Kirchner, como a fada Maléfica, surge como alvo de traição por "fundos-abutre", que conseguiram num tribunal de Nova Iorque bloquear o pagamento, arruinando o país. Afinal tudo encaixa no enredo habitual: abuso típico de ricos americanos sobre pobres contribuintes argentinos. Na verdade, para lá do romance mediático, a questão é importante, complexa e sem inocentes.

Tudo começa com um infractor recorrente, a Argentina, a quem já ninguém empresta. Foi para convencer os relutantes credores que o país recorreu à praça americana, emitindo dívida sob as sólidas regras dos EUA. Por isso é que o conto inclui o inesperado tribunal de Nova Iorque. Depois, apesar das garantias, nova falência: o tema do julgamento de 2014 são os títulos repudiados em 2001, no anterior incumprimento.

Na altura a Argentina impôs cortes de 65% aos credores. Aceitando a proposta, os detentores de títulos criaram um precedente poderoso, invocado desde então por outros países endividados. Mas há aí uma ilusão, pois a suposta vitória dos faltosos dentro das sólidas leis americanas apenas tornaria proibitivas futuras emissões.

Agora até esse êxito aparente azedou. Fundos especulativos, que tinham comprado a desconto os títulos a credores espavoridos, recorreram e o tribunal americano aplicou a letra do contrato. Se a Argentina paga a uns, tem de pagar a todos nas respectivas condições: o país só pode reembolsar os 35% aos credores que aceitaram o corte se

entregar 100% aos fundos. Assim o país voltou a falir nos títulos já falidos.

Este embate de vilões domina a discussão, definindo os termos da finança internacional. Mas o centro da história, como no conto clássico, deve ser a princesa, não a má da versão Disney.

Rica e sofisticada no fim de oitocentos, a Argentina regrediu claramente ao longo do século XX. Em 1913 o nível de vida argentino era mais do triplo de português, e acima de economias como a França, Alemanha e Suécia. Cem anos depois, o nosso produto por pessoa está quase 30% acima do argentino em paridade de poder de compra e mais de 70% em taxas de câmbio. Assim é uma excelente candidata a jovem enfeitada.

O sono tornou-a o protótipo mundial de mau pagador recursivo. Das oito vezes que faliu na dívida pública externa (1827, 1890, 1951, 1956, 1982, 1989, 2001 e no mês passado), seis são desde a II Guerra Mundial. Portugal teve sete falências, mas a última há mais de 120 anos. Aliás, esse episódio foi precipitado precisamente por um fiasco argentino. A célebre "crise Barings" de 1890, colapso semelhante ao de 2008 à volta do banco Lehman Brothers, começou porque o Baring Brothers de Londres estava muito envolvido em dívida argentina, a qual faliu por uma revolução. No consequente encerramento de mercados, a endividada coroa portuguesa, aliás cliente habitual do acidentado Barings, entrou em incumprimento, arrastando a maior crise financeira da nossa história.

Bela mas adormecida, a Argentina é um paradoxo socioeconómico, combinando níveis do melhor do mundo, no âmbito cultural, artístico e científico, com problemas de país remediado, senão miserável. Podemos dizer que os disparates derrotistas que a elite portuguesa gosta de emitir acerca do destino nacional são verdade, não cá, mas no Cone Sul da América. Temos um país com problemas, mas o conto de fadas dramático é nas pampas, onde os nossos analistas de café acertariam no diagnóstico depressivo. A infeliz Argentina pode ser considerado o único país secularmente em "vias de subdesenvolvimento". A culpa é, não dos abutres, mas de sucessivas Malélicas.

Redescobrimo o Ocidente

JOÃO CARLOS ESPADA *Público*, 11/08/2014

Stark afirma que "a modernidade é inteiramente o produto da civilização ocidental."

Depois das sugestões de livros para férias, inicio hoje, previsivelmente até 1 de Setembro, uma série dedicada a leituras em férias.

How the West Won: The Neglected Story of the Triumph of Modernity, de Rodney Stark, (ISI Books, 2014) é o ponto de partida destas leituras estivais. Apesar do título vagamente belicoso, o livro não é sobre a superioridade militar do Ocidente. É sobre a complexa mistura de valores, práticas e instituições que, ao longo dos séculos, distinguiram o Ocidente do resto (The West and the Rest, no título provocatório de um livro de Roger Scruton sobre o mesmo tema).

Há uns quarenta anos, recorda Stark, uma das disciplinas mais importantes nas licenciaturas das melhores universidades americanas chamava-se Western Civilization. Aí se estudavam os grandes livros e as grandes obras de arte da cultura ocidental. Mas as modas "politicamente correctas" ostracizaram essa área de estudo. Diz-se agora que a civilização ocidental é apenas uma entre muitas civilizações e que estudar a nossa seria "etnocêntrico e arrogante."

Isto tem gerado uma ignorância patética sobre o passado. E, com ela, têm crescido as mais divertidas e absurdas teses politicamente correctas. Stark recorda algumas delas: que os gregos copiaram a sua cultura do Egípto; que a ciência europeia teve origem no Islão; que a riqueza ocidental foi roubada às sociedades não ocidentais; que a modernidade ocidental foi realmente criada na China.

Stark não nega que o Ocidente tenha sabiamente adoptado elementos de outras civilizações. Mas afirma, e procura ilustrar ao longo de mais de 400 páginas, que "a modernidade é inteiramente o produto da civilização ocidental." De caminho, Stark procura refutar muitos outros preconceitos actualmente dominantes na nossa cultura política.

"A Idade das Trevas", nunca existiu, argumenta o autor, em defesa do cristianismo medieval. Foi na verdade uma era de notável progresso e inovação, que incluiu a emergência do capitalismo. Também a chamada "revolução científica" do século XVII não foi propriamente uma revolução, no sentido de uma ruptura com o passado. Terá sido basicamente o culminar de um gradual progresso científico cujas raízes remontam às primeiras universidades do século XII — fundadas pelos filósofos escolásticos e protegidas pela Igreja de Roma.

Outro mito que ocupa Stark é o da revolução industrial como produto do desígnio central de governos esclarecidos. Em rigor, quase o contrário pode ter acontecido. A Inglaterra, a Holanda e a liga das cidades hanseáticas lideraram a industrialização porque os direitos de propriedade e o primado da lei sobre a vontade das cortes estava aí solidamente estabelecido. A origem desse primado da lei sobre o poder político deve ser procurada na Magna Carta de 1215 — que no próximo ano de 2015 celebrará a simpática idade de

800 anos. A Inglaterra tinha ainda a vantagem adicional de não ter uma larga corte centralizada em Londres, financiada por impostos. A aristocracia estava dispersa pelo país, nas suas vastas propriedades, de que não era absentista, e por isso procurou rentabilizá-las descentralizadamente, através de inovações e investimento.

A centralização é aliás um dos alvos preferidos de Rodney Stark. Isso leva-o a criticar o Império Romano, que só terá assistido a dois progressos maiores: a invenção do cimento e a emergência do cristianismo, sendo que este último contou com a severa oposição imperial. A queda do Império Romano, argumenta Stark, foi aliás altamente benéfica para a Europa e o Ocidente. Removeu um sistema altamente centralizado e caro, fundado em impostos altos, e deu lugar a uma vasta pluralidade de centros de decisão que concorriam entre si e que tinham de gerar auto-sustento.

A lista de observações politicamente incorrectas é interminável. O livro está escrito num tom algo panfletário, por vezes bastante divertido, mas não é um simples panfleto. Stark mobiliza uma vastíssima bibliografia académica. Basicamente, articula num único livro o que muitos autores vêm dizendo em áreas mais especializadas. Vale a pena citar as suas palavras de conclusão:

"Sem dúvida que a modernidade ocidental tem as suas limitações e os seus descontentes. Ainda assim, é de longe melhor do que as alternativas – não só, nem primariamente, devido à sua tecnologia avançada, mas devido ao seu comprometimento fundamental com a liberdade, a razão e a dignidade humana".

Macroscópio 2014.08.11

José Manuel Fernandes, Publisher, 2014.08.11

Boa noite!

Viu a Super Lua deste domingo? Se não viu, pode ver aqui algumas fotos tiradas pelos leitores do Observador e outras vindas dos quatro cantos do mundo. Se não viu, esta noite a Lua ainda está quase cheia e ao longo desta semana há outros motivos para olhar para o céu: está na altura das perseidas, a chuva de estrelas tão característica de Agosto.

Mas deixemos esta pequena introdução mais estival – afinal nem todos estão de férias – e regressemos a um tema que nos tem preocupado e ocupado: o Grande Médio Oriente.

O primeiro ponto de paragem é a Turquia, que teve eleições este domingo para Presidente da República. Ganhou, como se esperava, Recep Tayyip Erdogan. E logo à primeira volta. Os sinais de que o regime se está a tornar menos democrático e menos amigo do Ocidente são cada vez mais inquietantes.

Jorge Almeida Fernandes explica bem o significado para a Turquia de eleger pela primeira vez, de forma directa, o seu Presidente da República e interroga-se sobre se não estaremos a assistir a uma mudança de regime:

O problema não é o presidencialismo, um regime normal em democracia. É o risco de anulação do sistema de checks and balances, ou seja da separação dos poderes. Na Turquia, os mecanismos de controlo e limitação do poder político estão em patente erosão desde há três ou quatro anos.

Erdogan é realmente uma figura política como não há muitas, e isso vem bem explicado neste artigo do Washington Post. Nele se relata, por exemplo, como o líder político de 60 anos é capaz de marcar três golos de rajada numa partida de futebol e o guarda-redes adversário ainda ficar agradecido...

A análise do El País - El sultán de los 100 años – vai mais longe. Para o diário espanhol, Erdogan quer continuar no poder em 2013, altura em que se comemora o centenário do regime fundado por Atatürk:

Erdogan va camino de convertirse en un líder de dimensión histórica tras haber transformado la economía de Turquía hasta colocarla entre los 15 países con mayor peso económico del planeta. Y ahí radica una de las principales razones de su victoria, impulsada por unas clases medias conservadoras y religiosas que han triplicado en el último decenio su nivel de renta, y que no parecen muy preocupadas por la reciente deriva autoritaria del líder islamista turco.

Mas as nossas maiores preocupação não vêm da Turquia. Porventura nem sequer de Israel ou de Gaza, onde hoje foi um dia de tréguas e de reinício das negociações do Cairo. O tema dos últimos dias é a situação no Iraque, a ofensiva do Estado Islâmico, a perseguição a todos os que não pertençam à sua muita especial variante do sunismo. Continuo por isso a seleccionar alguns textos que nos ajudam a enquadrar a situação e a compreender melhor o que se passa.

Começo por uma reportagem, do Telegraph: 'It is death valley. Up to 70 per cent of them are dead'. Reproduzo apenas o primeiro parágrafo:

Mount Sinjar stinks of death. The few Yazidis who have managed to escape its clutches can tell you why. "Dogs were eating the bodies of the dead," said Haji Khedev Haydev, 65, who ran through the lines of Islamic State jihadists surrounding it.

Esta leitura pode ser complementada pela de outra reportagem do mesmo Telegraph: Mount Sinjar: Iraq's mountain of death.

Continuo com uma história exemplar, a de uma menina muçulmana, de 14 anos, que vivia em Ceuta e um dia deixou aos seus pais apenas a seguinte mensagem:

Papá...Mamá... Me voy. Me voy al paraíso

Sim, 14 anos. Sim, espanhola. Sim, ia a caminho da jihad.

¿Cómo una niña española de 14 años decide ir a pelear la yihad convencida de que va al paraíso?

A pergunta é do El Mundo, a reportagem também. Conta uma história como tantas outras, a de jovens que saem de países como Espanha, França, Reino Unido, Alemanha, Holanda, Bélgica, Itália, sem outro destino ou outra ambição senão a de juntar-se aos "soldados de deus" do ISIS ou da Al Qaeda.



Uma outra história é a Kokito, um marroquino que vivia não longe da menina de Ceuta, em Castillejos, uma localidade junto à fronteira com a praia de El Tarajal. António Araújo conta a sua história – e mostra algumas das suas horripilantes fotografias – no blogue Malomil. Aí ficamos a saber que foi até à Síria, para onde chamou a sua noiva e aí lhe ofereceu um cinto com explosivos. Costuma fazer-se fotografar rodeado de cabeças decapitadas.

A história original veio no El País, a quem um especialista em terrorismo descreveu a forma habitual de ação destes grupos:

Entram nas aldeias e arrasam-nas. Não há contemplos para com os inimigos. As cabeças degoladas são uma mensagem para que as pessoas vejam o que lhes pode acontecer se não aderirem ou obedecerem.



Mas o horror não acaba aqui. Desta vez escolho o ABC: Un yihadista australiano del Estado Islámico fotografía a su hijo con la cabeza decapitada de un soldado sirio. O fanático chama-se Jaled Sharruf e na Austrália as imagens estão a ser condenadas como "bárbaras". Duvido

porém que ele se incomode. Tal como não se deve incomodar por o governo australiano ter emitido um mandato de captura: ele e a sua família continuam na Síria. Sob a proteção do novo "califado".

O novo "califado". Exato. O que um dia se deveria estender a todas as terras que já foram muçulmanas, de Lisboa ao Afeganistão, do norte de Moçambique às portas de Viena. Duvidam? Vejam o mapa que anda a ser difundido nas redes sociais:

Neste momento o Presidente dos Estados Unidos já ordenou operações militares no norte do Iraque, operações que se destinam a aliviar a pressão sobre as populações em fuga. A sua actuação em todo o Grande Médio Oriente está contudo no centro de enorme controvérsia nos Estados Unidos, e este fim-de-semana foi Hillary Clinton que se veio juntar ao coro dos críticos, afastando-se de Obama na política externa e sendo muito dura na avaliação da estratégia na Síria. Vem tudo numa longa entrevista que deu à *The Atlantic*, uma entrevista que o Observador resumiu mas que também pode ler aqui a versão integral. O argumento da mulher que parece preparar-se para mais uma corrida presidencial é simples:

I know that the failure to help build up a credible fighting force of the people who were the originators of the protests against Assad—there were Islamists, there were secularists, there was everything in the middle—the failure to do that left a big vacuum, which the jihadists have now filled. They were often armed in an indiscriminate way by other forces and we had no skin in the game that really enabled us to prevent this indiscriminate arming.

Por hoje é tudo. Deixo-vos com as perseidas. Boas leituras – e boas estrelas cadentes.

Não, não é tudo igual

JOÃO MIGUEL TAVARES Público, 12/08/2014

A solução encontrada pelas instituições portuguesas e europeias para o BES, por muitas falhas que tenha e muitos problemas que possa vir a levantar, é, na sua essência, uma revolução em relação a tudo o que se passou até hoje sempre que esteve em causa a falência de um banco sistémico.

Na semana passada, eu cometi um atrevimento: enquanto o BES desmoronava, elogiei o Banco de Portugal e o Governo. E logo em dose dupla. Ou seja, não só aplaudi a solução encontrada para o BES, como defendi a actuação de Carlos Costa, cujas decisões me pareceram racionais, e até corajosas, em função das informações que detinha.

Desde então, tenho levado pancada em jornais, blogues e redes sociais, com a originalidade de a verga me chegar ao lombo oriunda dos mais diversos quadrantes ideológicos. Agostinho Lopes, do comité central do PCP, lamentou a minha falta de dúvidas neste processo; Francisco Louçã declarou que eu, "em defesa do governo", alinhei com "a tese da protecção dos contribuintes"; Luís Aguiar-Conraria e André Azevedo Alves consideraram que a minha exigência mudou muito desde os tempos de Vítor Constâncio; dispenso-me de descrever os comentários coloridos de numerosos leitores.

Ora, aquilo que me incomoda nesta atitude não é a justeza de muitas críticas que são feitas ao processo, porque é evidente que abundantes erros foram cometidos. Sim, há gente que conseguiu fugir do BES em cima do gongo porque terá tido acesso a informação privilegiada; sim, é inacreditável que tenha sido Marques Mendes a descrever a solução em detalhe com 24 horas de antecedência; sim, em última análise, pode dizer-se que a regulação falhou de novo, porque o

banco, afinal, foi ao fundo. Tudo isto é defensável. O meu problema é que dizer apenas isto, ou pouco mais do que isto, colocando no mesmo patamar a condução dos processos BPN e BES, as actuações de Vítor Constâncio e de Carlos Costa, ou a atitude dos governos de José Sócrates e de Pedro Passos Coelho, é, aos meus olhos, inadmissível.

E é isto que eu não engulo, por muita acusação pró-governamental que tenha de aturar. O que demasiada gente, da esquerda à direita, acaba a promover com a atitude de bater em tudo pela mesma medida é uma espécie de comunismo da traulitada, de ditadura do ressabiado, de sociedade sem critério. Tudo vai a eito, todos apanham por igual, e com isso podemos até fingir que somos muito independentes na nossa indignação – só que não estamos a ser independentes coisíssima nenhuma: estamos apenas a ser cegos a mudanças importantes e a atitudes decentes que estão a acontecer à frente do nosso nariz.

O facto de serem justas numerosas críticas ao processo não pode significar a recusa em admitir que ele foi radicalmente diferente do anterior. E, sobretudo, não pode significar a recusa em reconhecer que a solução encontrada pelas instituições portuguesas e europeias para o BES, por muitas falhas que tenha e muitos problemas que possa vir a levantar, é, na sua essência, uma revolução – e deixem-me sublinhar bem a palavra "revolução" – em relação a tudo o que se passou até hoje sempre que esteve em causa a falência de um banco sistémico.

Joseph Stiglitz chamou à lógica "too big to fail" um "socialismo à americana": os ganhos privatizam-se, as perdas socializam-se. Se há décadas é assim, não vejo como podemos não dar valor à primeira vez que não o é. Ignorar isto é cegueira, e uma manifestação de um certo "criticismo à portuguesa", que passa pela privatização da nossa competência e pela socialização da incompetência de qualquer governo. Estar sempre tudo espectacularmente mal é excelente para compor letras de fado – mas péssimo enquanto reflexão sobre um país.

Minorias Menores: os cristãos do Médio Oriente

PAULO RANGEL Público, 12/08/2014 - 02:31

Por vezes, algum prurido ou "pseudo-prurido" ocidental faz com que se faça uma grande apologia da liberdade religiosa e da defesa das minorias, mas se enfileire por uma atitude passiva quando está em causa a religião dominante no Ocidente.

1. As operações militares que os Estados Unidos iniciaram no Iraque, com cooperação francesa e britânica, e a acção de ajuda humanitária a centenas de milhares de refugiados mostram bem a instabilidade e a gravidade do momento internacional que vivemos.

Especialmente se pensarmos que este desenvolvimento decorre a par da terrível situação em Gaza, da persistência do impasse na Síria, do adensar das interrogações na Ucrânia, da emissão do alerta de saúde global a propósito do vírus Ébola. A actual situação no Iraque e a necessidade de intervenção externa merece uma análise cuidada e uma reflexão profunda, que hoje não vou nem quero fazer aqui.

2. Hoje quero pôr em destaque, chamemos-lhe assim por ironia, um "dano colateral" das mudanças que estão a ocorrer no Médio Oriente e, em especial, no Iraque. Esse "dano colateral" vem a ser a sistemática perseguição aos cristãos iraquianos, que começou imediatamente após a queda de Saddam Hussein. E faço-o, não apenas por aparecerem agora em parangonas, as atrocidades do chamado Exército islâmico do Iraque e do Levante. Mas muito por causa do vibrante apelo do Papa Francisco a este respeito, apelo que ouvi na semana passada transmitido por um sacerdote guineense na Igreja da Trindade no Porto e que acabo de ouvir a um padre de origem mediterrânica na discreta catedral de S.Pedro e S.Paulo em Tallin.

3. É bem sabido que o regime de Saddam Hussein, apesar de ditatorial, sanguinário e delirante, mercê da sua filiação numa tradição político-militar laica e ideológica, revelou sempre uma tolerância razoável para com as minorias religiosas. No que, de resto, não se distinguiu da linha prosseguida pela terrível família Assad na Síria ou da orientação própria da ditadura militar que regia o Egipto.

A queda de Saddam Hussein e a situação de instabilidade permanente que se lhe seguiu, fosse com a autoridade norte-americana fosse com a instalação da nova governação autóctone, levaram ao início de uma perseguição sistemática à minoria cristã. Estamos a falar de comunidades cristãs numerosas, em alguns casos com uma implantação contínua e ininterrupta que remonta ao nascimento do cristianismo (é o caso das comunidades da Caldeia e de algumas do Egipto). Trata-se de matéria que tenho seguido com interesse, embora intermitentemente, no Parlamento Europeu e, em particular, no âmbito das plataformas de diálogo inter-religioso de há muito estabelecidas no PPE e em que as igrejas cristãs do Médio Oriente e a Igreja Copta do Egipto têm um grande protagonismo.

4. Pois bem, assim que a mudança de poder se iniciou, a situação das famílias cristãs de Bagdade e também de outras regiões passou a ser de risco. Recor-

do-me de, há cerca de quatro anos, o Patriarca de Bagdade, ao lado de outros bispos iraquianos, ter relatado em Bruxelas que os grupos fundamentalistas muçulmanos tinham inaugurado uma carnificina baseada na prática do terror. Em cada semana, à força da espada e do sabre, matavam uma família de religião cristã na comunidade de Bagdade. Faziam-no com uma regularidade e com uma implacabilidade tais que o pânico se disseminou e um número relevantíssimo de cristãos resolveu abandonar a cidade e o país. Esta prática terrorista, apesar de regular e de altamente eficaz nos seus objectivos perversos, não teve nunca visibilidade na comunidade internacional. Por mais denúncias que os bispos fizessem, poucos queriam ouvir falar de perseguições aos cristãos, por mais que tivessem como bandeira a defesa dos direitos humanos e da tolerância. É certo que, em alguns casos contados, houve alguma repercussão na opinião pública e publicada. Por exemplo, no caso do ataque às igrejas coptas e aos seus membros no Egipto, aquando da turbulência causada pela primavera árabe. Ou, muito recentemente, no impressionante caso do rapto de centenas de raparigas nigerianas. Mas a verdade é que continua a haver um largo silenciamento dos ataques às minorias cristãs

5. É absolutamente fundamental não apagar nem silenciar esta terrível perseguição. Só agora com a denúncia da actuação mais recente do Exército Islâmico do Iraque e do Levante, em que extremistas muçulmanos decretaram a obrigatoriedade da conversão dos cristãos, emitiram um fatwa que confisca todos os seus bens e pertences e lhes assinalaram as casas, para que se saiba que são infieis, é que começa a haver um movimento consistente de defesa dos direitos desta minoria. Estas práticas, como ainda ontem se viu relativamente a outra minoria religiosa, não andam longe das grandes atrocidades do regime nazi. Ora, por vezes, algum prurido ou "pseudo-prurido" ocidental faz com que se faça uma grande apologia da liberdade religiosa e da defesa das minorias, mas se enfileire por uma atitude passiva quando está em causa a religião dominante no Ocidente.

6. Que fique claro de uma vez por todas: as minorias cristãs também merecem protecção e também precisam de uma voz activa na comunidade internacional. Claro que o pior que poderia acontecer é que essa defesa activa fosse feita por um qualquer sentimento de "cumplicidade religiosa", pois isso, para além de injusto e moralmente inaceitável, conduziria a uma escalada e a uma espiral de vingança e de vinganças. O direito a professar a religião, em liberdade e em tolerância, é independente da concreta fé que cada um professa. Eis um princípio que deve valer para todas as minorias religiosas. Também as cristãs. Também as cristãs, mas não por serem cristãs.

Robin Williams (1951 - 2014)

"We don't read and write poetry because it's cute. We read and write poetry because we are members of the human race. And the human race is filled with passion. And medicine, law, business, engineering, these are noble pursuits and necessary to sustain life. But poetry, beauty, romance, love, these are what we stay alive for."

John Keating, Dead Poets Society (1989)

Robin Williams, a noite e o riso

JOÃO MIGUEL TAVARES Público, 14/08/2014

Robin Williams era o tipo que se estava sempre a rir, e nós não podemos esperar do tipo que se está sempre a rir, do homem mais bem-disposto da sala, da máquina de produzir gargalhadas, do humorista destravado, excessivo e imparável, que pegue num cinto para se enforçar, aos 63 anos de idade. Ele não. Ele era o tipo divertido.

Infelizmente, a distração é nossa: não há qualquer relação entre o riso e a felicidade. Ou se há, é uma relação contrária à que se poderia esperar. O humor é uma arma para enfrentar o absurdo da vida e uma das mais elevadas provas da nossa inteligência. O riso é a nossa defesa contra a consciência da finitude e o instrumento privilegiado para espantar a morte; é, digamos assim, o paliativo que Deus encontrou para que conseguíssemos enfrentar o mais abstruso dos dilemas da criação: "Terás em simultâneo a consciência da morte e o desejo de imortalidade. Vai ser terrível. Mas Eu vou deixar que te rias disso."

E nós rimos, claro. E o riso ajuda-nos a suportar dores, tristezas, melancolias. Mas o bom humorista não tem a mesma sorte - ele está demasiado perto da matéria que queima, vê com demasiada clareza o absurdo da vida. É por isso que nos faz rir: tem um acesso privilegiado ao código do mundo, aponta o dedo à mecânica silenciosa do quotidiano e desmonta as suas peças, a sua arte consiste em chamar a atenção para um certo tipo de óbvio (tiques, truques, hábitos, rituais) que nós não vislumbramos. Todo o grande humorista tem um acréscimo de lucidez. E esse excesso de lucidez empurra-o, com assustadora frequência, para os braços da tristeza e da depressão. Demasiado lúcido para ser feliz.

Repare-se na biografia habitual dos grandes humoristas: filhos únicos, caixas de óculos, miúdos privilegiados mas solitários, pouco sociáveis, gordos, onanistas, nerds, tipos que na adolescência só se conseguem integrar através do humor - o riso é o cavalo de Tróia que lhes permite entrar no mundo. Reparem também como praticamente não há homens (nem mulheres) bonitos no humor. Robin Williams não era bonito, tal como não o são Jim Carrey, Jerry Seinfeld, Louis CK, John Cleese, Bill Murray, Seth Rogen, Tina Fey, Sarah Silverman. A lista é infundável. Para se ser alguém na vida, pode ser de uma certa utilidade ficar fechado em casa na adolescência, sem acesso a festas, nem a miúdas. E essa solidão, esse rasto de clausura, muitas vezes fica lá, e nem Hollywood, nem uma família - ou três casamentos, no caso de Robin Williams - conseguem apagar.

Não há nada de relevante que possamos escrever sobre alguém que se mata - mas ficar em silêncio parece-me cumplicidade com a morte. Eu sou da geração Clube dos Poetas Mortos, filme que nunca me atrevi a rever, porque tenho a certeza de que é muito pior do que a memória que guardo dele. E é impossível ser dessa geração sem ficar profundamente tocado com o suicídio de Robin Williams. Ele foi um extraordinário actor sem nunca ter feito um extraordinário filme, mas para mim será sempre o professor que levou os alunos a subirem para as mesas, que me apresentou Leaves of Grass, e me ensinou o significado das palavras "carpe diem". O capitão, como no poema de Whitman, jaz agora morto, mas ao contrário do poema de Whitman, não houve gesta heróica, nem há razões para celebrar. Robin Williams mentiu: aproveitar apenas o dia não chega. Precisamos todos de alguma coisa que nos sustenha, quando o dia acaba e o riso não sai.

A nossa fé despertada pelo seu testemunho

Julián Carrón Avvenire 12/08/2014

Caro director,

«Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele» (1Cor 12,26). Como não sentir toda a lancinante dor dos nossos irmãos cristãos perseguidos? É um clamor que aumenta sempre mais diante das desmedidas injustiças sofridas pelos cristãos em tantas partes do mundo, constrangidos a deixar



tudo e a fugir das suas terras por um único motivo: o facto de serem cristãos. Parece inacreditável que no século XXI possa acontecer ainda uma coisa do género.

«Há mais mártires hoje do que nos primeiros séculos da Igreja; mais mártires! Nossos irmãos e irmãs. Sofrem! Eles vivem a fé até ao martírio» (18 de Maio de 2013). Como podemos permanecer indiferentes diante destas palavras do Papa Francisco? Evidentemente estamos diante de um novo desafio, como nos recorda a *Evangelii Gaudium*: «Às vezes, estes [desafios] manifestam-se em verdadeiros ataques à liberdade religiosa ou em novas situações de perseguição aos cristãos, que, em alguns países, atingiram níveis alarmantes de ódio e violência». (61)

Mas mesmo no meio destes sofrimentos, recebemos o testemunho da sua fé, como disse o Arcebispo de Mosul numa recente entrevista: «Foram eles que começaram a dizer-me que tinham necessidade de estar mais agarrados à nossa fé. Eram eles a dizer-me que tinham voltado a viver entre as inúmeras dificuldades. Eles diziam-mo por palavras e eu, pelo olhar deles, percebia que era verdade. Percebia-o pela maneira como o diziam», porque «quando cheguei era outra coisa. Eram outras pessoas. Mas passados seis meses, um ano, a sua transformação era palpável». (Tracce, Julho/Agosto 2014). Espero que sejamos capazes de guardar o seu testemunho como um tesouro, de modo que este desperte a nossa fé para que, como eles, a possamos viver e testemunhar nas circunstâncias em que cada um é chamado a vivê-la.

«Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele. [...] Ora vós sois corpo de Cristo e seus membros, cada um por sua parte» (1Cor 12,26-27). Precisamente por esta pertença comum ao corpo eclesial queremos levar um pouco do peso da intolerância, incompreensão e violência que o mundo que recusa Cristo carrega às costas dos nossos irmãos.

Como não sentir a urgência de mostrar toda a nossa proximidade aos cristãos perseguidos? Fazemo-lo não só unindo-nos ao clamor de todos aqueles que sentem esta ferida infligida a si próprios, afim de que estes factos não passem debaixo de silêncio, mas sobretudo participando com todas as nossas comunidades de Comunhão e Libertação espalhadas em Itália na oração por eles, convocada pela CEI (conferência Episcopal Italiana ndt) a 15 de Agosto, unidos a toda a Igreja italiana. Obrigado pela hospitalidade.

Julián Carrón
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Lauren Bacall (1924-2014)



Pe. Miguel Pajares (1939-2014)

Morreu o sacerdote espanhol que foi evacuado da Libéria, depois de ter sido contagiado pelo Ebola. Pertencia à Ordem Hospitaleira de São João de Deus. Já faleceram 3



religiosos, uma religiosa e dois colaboradores leigos. Morreram em missão e ao serviço aos outros.

Não se pode dar mais do que a própria vida.

Será a violência no Iraque o fim dos 2000 anos de Cristianismo?

Ajuda à Igreja que sofre
15 Agosto 2014

Desde a invasão dos EUA, em 2003, o Iraque tem vivido tempos atribulados. Os atentados têm sido constantes. Todos os dias há mortos a lamentar. Depois destes tempos difíceis, e sem que ninguém previsse, os Jihadistas islâmicos do ISIS (Estado Islâmico do Iraque e do Levante) entraram no Iraque, tomaram de assalto a cidade de Mossul, ocuparam-na e proclamaram um Estado Islâmico. Este grupo pretende restaurar o califado, abolido em 29 de Julho de 1923, por Kemal Atatürk, fundador da Turquia moderna. O califado ocupa os países do Iraque, Síria, Líbano, Israel, Chipre, Jordânia, Palestina e algumas zonas da Turquia

Estima-se que actualmente haja cerca de 1 milhão de deslocados no Iraque. Devido às guerras e conflitos sectários, a população cristã, que contava em 2003, antes da invasão militar dos EUA, com mais de 1,5 milhões de fiéis, está agora reduzida a menos de 300 mil.

Enquadramento histórico

Numa entrevista dada à Fundação AIS no passado dia 3 de Julho, D. Yousif Mirkis, Arcebispo Caldeu de Kirkuk, afirmou que teme o fim do Cristianismo no Iraque, uma vez que os Cristãos estão em processo de desaparecimento, tal como aconteceu na Turquia, na Arábia Saudita e no Norte de África. Até mesmo no Líbano são agora uma minoria. Se isso acontecer, a ecologia social ficaria desestabilizada. Todas as sociedades necessitam de todos os seus elementos.

Na sua opinião, foi o que aconteceu na Alemanha há oitenta anos: naquela altura um grupo também foi excluído da sociedade. No Iraque, estão a viver um novo 1933. Há muitos paralelismos com a situação da Europa entre as duas guerras. Tal como havia instabilidade na Alemanha antes de 1933, após a sua derrota na Primeira Guerra Mundial, também o mundo Árabe tem vindo a fragmentar-se desde 1967. Nessa altura, os Árabes perderam a Guerra dos Seis Dias contra Israel. As consequências têm sido traumáticas até hoje. Assim, tal como a Primeira Guerra Mundial conduziu à Segunda Guerra Mundial, a derrota de 67 é também a origem da actual crise.

O papel dos Cristãos no Médio Oriente

Os Cristãos são parte de uma sociedade humilhada. Eles trabalharam arduamente e deram a sua contribuição. É o caso do Líbano, da Síria e também do Iraque. É importante saber que não havia guetos cristãos no Iraque. Os Cristãos têm estado presentes em todos os níveis da sociedade. Têm a maior taxa de alfabetização. Antes de 2003, os Cristãos eram apenas 3% da população. E quase 40% dos médicos especialistas existentes eram cristãos. Na área da engenharia a proporção era semelhante. São factos impressionantes. Além disso, também a maior parte dos intelectuais, escritores e jornalistas eram cristãos. Eram pessoas educadas numa orientação ocidental. Os Cristãos eram o motor da modernização do Iraque. As razões são históricas. As Igrejas têm tradicionalmente mantido muitas escolas e hospitais. Além disso, os Cristãos eram sempre pessoas de mente aberta, multilingues e orientados para o Ocidente. Isso explica o elevado grau de escolaridade. Mas, com a emigração permanente é evidente que estão a perder o seu dinamismo.

Aceleração do êxodo nos últimos dez anos

Não é fácil ser cristão no Iraque hoje em dia. Antes de 2003, representavam cerca de 3% da população. Hoje são talvez 1%. A história do Iraque é uma história cíclica. Aproximadamente de dez em dez anos vivenciam um novo problema que leva a que os Cristãos queiram sair. Em 1948, o estado de Israel foi fundado. Foi um acontecimento traumatizante no Médio Oriente. De seguida, o rei iraquiano foi assassinado. Mas, os Cristãos viveram bem na monarquia. Gozavam de liberdade. Depois, o assassino do rei, que se tornou presidente do país, foi também assassinado. E o seu assassino teve o mesmo destino. Houve então a guerra de 1967 contra Israel, a guerra Irão-Iraque e assim por diante. Tudo isso gerou instabilidade e emigração.

Agora, em apenas alguns dias, entre o dia 5 e o dia 10 de Junho, a província de Nínive e a cidade de Mossul, a segunda maior cidade do Iraque, está nas mãos dos homens do ISIS.

Em resultado dos combates, calcula-se que mais de 500 mil pessoas tenham tentado fugir perante a chegada de rebeldes jihadistas que desejam impor a lei islâmica no país. O grupo islâmico que controla Mossul é uma das mais radicais organizações sunitas e já domina diversas regiões da Síria que está a atravessar uma tenebrosa guerra civil.

O mundo viu, chocado, a fuga, em menos de 48 horas, de quase meio milhão de pessoas. A fuga, apressada, deixou estes milhares de refugiados no mais completo abandono.

Pela primeira vez em dois mil anos Mossul não tem um único cristão. Os cristãos iraquianos tiveram de escolher entre a morte e o exílio após o ultimato do ISIS. Antes de obrigar a escolher entre a conversão imposta, a fuga ou a morte, os extremistas islâmicos marcaram todas as casas dos Cristãos com o símbolo ☩, muitas vezes escrito com um círculo, que representa a letra 'N' de Nazara (cristão), e na fachada das casas xiitas a letra 'R' de Rwfidh (protestantes ou aqueles que rejeitam).

Desenvolvimentos recentes

O Patriarca Caldeu da Babilónia e presidente da Conferência Episcopal do Iraque, Louis Raphael Sako, tem estado nas últimas semanas em constante contacto com a Fundação AIS, dando a conhecer a deterioração da situação no Iraque. No passado dia 10 de Agosto escreveu-nos dizendo: "A morte e a doença estão a arrebatar as crianças e os idosos que se encontram entre os milhares de famílias refugiadas espalhadas pela região do Curdistão, as quais perderam tudo nos recentes desenvolvimentos trágicos, enquanto os combatentes do ISIS avançam e a ajuda humanitária é insuficiente.

Há 70 mil cristãos, juntamente com outras minorias, deslocados em Ankawa, uma cidade com uma população de mais de 25 mil cristãos. As famílias que encontraram abrigo dentro de igrejas e escolas estão relativamente seguras, enquanto as que ainda dormem na rua e nos parques públicos se encontram numa situação deplorável...

Em Dohuk, o número de refugiados cristãos ultrapassa os 60 mil e a sua situação é pior que em Erbil. Há também famílias que encontraram abrigo em Kirkuk e Sulaymaniyah, e outras chegaram até à capital, Bagdade.

Em resumo, esta é a situação das aldeias cristãs em torno de Mossul até à fronteira com a região do Curdistão: as igrejas foram abandonadas e profanadas; cinco bispos estão fora das suas dioceses, os sacerdotes e as religiosas deixaram as suas missões e instituições, deixando tudo para trás, as famílias fugiram com as suas crianças, abandonando tudo! O nível de desastre é extremo."

Como encarar o futuro?

A melhor forma de combater intelectualmente este extremismo é através do diálogo e da cultura. Quanto maior for a cultura de um país menos suscetível é ao fanatismo. D. Yousif Mirkis disse-nos: "A minha esperança é a geração mais jovem. Eu procurei sempre formá-los. Por exemplo, publiquei uma revista cristã não apenas destinada aos adultos mas também às crianças. Nesta revista nós focámos sempre o amor a Deus e ao próximo, e o respeito pelos outros. Cerca de 15% dos meus leitores eram muçulmanos. Eles apreciavam a nossa acção e trabalho. O povo iraquiano não é naturalmente fanático. Mas, tal como o mundo islâmico, como um todo, foi sequestrado por fanáticos. E agora não podem mover-se, estão como que prisioneiros."

D. Yousif Mirkis explicou ainda que "Nós, Cristãos, estamos em diálogo com a elite muçulmana. Sempre que nos encontramos em conferências, somos como irmãos. Mas o problema é que a própria elite iraquiana tem sido marginalizada. De certa forma, tem ocorrido um massacre dos intelectuais ao longo dos últimos anos. Por exemplo, desde 2013 mais de 180 professores universitários foram mortos em ataques. Uma grande parte dos médicos especialistas deixou o país. Não somos só nós, Cristãos, que temos sido enfraquecidos, mas também a elite Muçulmana. E isso tem consequências desastrosas."

Também D. Shlemon Warduni, Bispo Auxiliar e Administrador Apostólico do Patriarcado dos Caldeus, Bagdade, informou que "tem havido uma convivência fraterna entre Cristãos e Muçulmanos. Os Cristãos têm partilhado muito, especificamente no Leste, desde o princípio do Islão. Partilharam as situações doces e amargas da vida; o sangue cristão e muçulmano tem-se misturado, uma vez que foi derramado na defesa dos seus direitos e das suas terras. Juntos, construíram uma civilização, cidades e uma herança. É verdadeiramente injusto rejeitar agora os Cristãos e atirá-los para fora, considerando-os sem valor."

Diz-nos ainda que, na sua opinião, "O futuro dos Cristãos no Iraque e, direi mesmo, em todo o Médio Oriente, é muito obscuro e pode dizer-se que existe um plano para o esvaziar de Cristãos (...) Podemos dizer que a situação não é boa. Em alguns casos é dramática. É o que acontece na Síria, no Iraque, no Egipto. Não é fácil."

Assim, podemos dizer que os Cristãos não são a chave para o processo de paz na região, mas têm um papel a desempenhar, como o fermento na massa. O fermento na massa não é muito, mas pode fazer aumentar a massa. É preciso que tenham vontade de o fazer. É preciso que os Cristãos não tenham medo e que não abandonem a região.

É o Sínodo para o Médio Oriente, que se realizou em 2010, que nos ensina que é absolutamente necessário trabalhar em conjunto com o Islão. Na Exortação Apostólica do Sínodo, o Papa Bento XVI afirmou que, obviamente, é necessário desenvolver um trabalho ecuménico. Mas antes de dialogar com o Islão é necessário dialogar e trabalhar entre os Cristãos: Ortodoxos, Católicos e Protestantes.

Os movimentos fundamentalistas são movimentos minoritários. A maioria dos Muçulmanos são pessoas pobres como os Cristãos. Prova disso é que quando existem problemas numa aldeia muçulmana, os refugiados muçulmanos vão esconder-se nas aldeias cristãs vizinhas e vice-versa, os Cristãos vão encontrar refúgio e acolhimento em casa dos Muçulmanos. Portanto, existe este bom entendimento histórico. A doutrina social da Igreja, isto é, os problemas sociais de qualquer sociedade, a injustiça, o analfabetismo, a desigualdade, a falta de liberdade e de emprego, a pobreza, são problemas de todos, não dizem respeito apenas aos Cristãos, dizem respeito tanto aos Muçulmanos como aos Cristãos. Então, ao desenvolver esta doutrina social da Igreja, cria-se um terreno de trabalho comum com o Islão.

Iniciativas da Fundação AIS

No passado dia 6 de Agosto, a Fundação AIS, respondendo ao pedido do Papa Francisco e do Patriarca Louis Raphael Sako, convocou um dia de oração pela paz e reconciliação no Iraque. Neste dia todos os secretariados da AIS, benfeitores e amigos uniram-se em oração à Igreja do Iraque pela causa deste povo.

Neste âmbito também foi criada uma página na Internet, com o endereço www.wearechristians.info, onde todos são convidados a dar também a face pelos Cristãos iraquianos. Publicando a sua própria fotografia, todos podem participar demonstrando a sua solidariedade para com os seus irmãos na fé.

No dia 12 de Agosto, uma delegação da Fundação AIS viajou para Erbil, no Norte do Iraque, como sinal de proximidade e solidariedade para com os numerosos cristãos que fugiram dos jihadistas do ISIS após os ataques recentes em Qaraqosh - a capital cristã do Iraque - e na planície de Nínive. A delegação é constituída pelo presidente executivo internacional, Johannes von Heereman, a directora de projectos, Regina Lynch e a directora adjunta de comunicação, Maria Lozano.

Esta viagem da delegação da Fundação AIS será uma ocasião para testemunhar a situação actual dos Cristãos iraquianos, perceber melhor quais as necessidades reais dos milhares de refugiados e como está a ser aplicada a ajuda que foi enviada no início de Julho (100.000€).

Recentemente, a Fundação AIS destinou mais 130.000 € (em Agosto) para ajuda de emergência essencial para os responsáveis da Igreja nestes locais poderem fornecer alimentos, roupa, água potável e medicamentos para milhares de cristãos que foram expulsos de suas terras e que viram todos os seus bens serem confiscados pelos jihadistas do ISIS.

Conclusão

Como nos disse o Papa Francisco "Não se faz a guerra em nome de Deus", por isso é necessário que todos os líderes mundiais, religiosos e políticos denunciem, condenem e ajudem a pôr fim às práticas bárbaras que se têm cometido em nome da religião.

O Patriarca Sako numa carta aberta ao Papa Francisco, a 5 de Agosto, apela a "(...) uma operação administrativa de grande envergadura e à escala internacional. Quanto aos Cristãos do Iraque, (...) têm a necessidade urgente de ajuda humanitária, como também de protecção eficiente, verdadeira e permanente que lhes assegure que não há limite para a sua existência, cujas origens estão tão profundamente enraizadas no Iraque."

O Papa Francisco pede-nos "Não nos resignemos a pensar no Médio Oriente sem os Cristãos", manifestando "grande preocupação" pela situação dos fiéis naquela zona. As comunidades cristãs, presentes no Iraque, Síria, Irão e Egipto desde o início da Cristandade, estão em risco de desaparecer, fugindo e exilando-se devido à perseguição religiosa e à guerra.

Se nada for feito, num futuro próximo a presença cristã será ínfima e simbólica. O Iraque, a região onde surgiram as religiões monoteístas, terá perdido o seu património espiritual, histórico e cultural.

Ajuda à Igreja que Sofre

SANTA MISSA DE BEATIFICAÇÃO DE PAUL YUN JI-CHUNG E 123 COMPANHEIROS MÁRTIRES

HOMILIA DO SANTO PADRE

Porta de Gwanghwamun (Seul)

Sábado, 16 de Agosto de 2014



«Quem nos separará do amor de Cristo?» (Rm 8, 35). Com estas palavras, São Paulo fala-nos da glória da nossa fé em Jesus: Cristo não só ressuscitou dentre os mortos e subiu ao céu, mas uniu-nos a Si mesmo, tornando-nos participantes da sua vida eterna. Cristo é vitorioso e a sua vitória é nossa!

Hoje celebramos esta vitória em Paulo Yun Ji-chung e nos seus 123 companheiros. Os seus nomes vêm juntar-se aos dos Santos Mártires André Kim Taegon, Paulo Chong Hasang e companheiros, aos quais pouco antes prestei homenagem. Todos viveram e morreram por Cristo e agora reinam com Ele na alegria e na glória. Com São Paulo, dizem-nos que Deus, na morte e ressurreição de seu Filho, nos deu a maior de todas as vitórias. De facto, «nem a morte, nem a vida, nem a altura, nem a profundidade,

nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor» (Rm 8, 38-39).

A vitória dos mártires, o testemunho por eles prestado à força do amor de Deus, continua ainda hoje a dar frutos na Coreia, na Igreja que recebe incentivo do seu sacrifício. A celebração do Beato Paulo e dos seus companheiros dá-nos oportunidade de voltar aos primeiros momentos, aos alvares da Igreja na Coreia. Convido-vos, católicos coreanos, a lembrar as grandes coisas que Deus realizou nesta terra e a guardar, como um tesouro, o legado de fé e caridade que vos foi confiado pelos vossos antepassados.

Na providência misteriosa de Deus, a fé cristã não chegou às costas da Coreia por intermédio de missionários; mas entrou através dos corações e das mentes do próprio povo coreano. Este foi estimulado à fé pela curiosidade intelectual, pela busca da verdade religiosa. Foi através dum encontro inicial com o Evangelho que os primeiros cristãos coreanos abriram as suas mentes a Jesus. Queriam saber mais sobre este Cristo que sofreu, morreu e ressuscitou dos mortos; e este aprender algo sobre Jesus bem depressa levou a um encontro com o próprio Senhor, aos primeiros baptizados, ao desejo duma vida sacramental e eclesial plena e aos inícios dum compromisso missionário. Além disso, frutificou em comunidades que se inspiravam na Igreja primitiva, onde os fiéis formavam verdadeiramente um só coração e uma só alma, sem olhar às diferenças sociais tradicionais, e possuíam tudo em comum (cf. Act 4, 32).

Esta história é muito elucidativa sobre a importância, a dignidade e a beleza da vocação dos leigos. Dirijo a minha saudação a tantos fiéis leigos aqui presentes, especialmente às famílias cristãs que diariamente, com o seu exemplo, educam os jovens para a fé e o amor reconciliador de Cristo. De modo especial, saúdo os inúmeros sacerdotes aqui presentes: através do seu ministério generoso, transmitem o rico património de fé cultivado pelas passadas gerações de católicos coreanos.

O Evangelho de hoje contém uma mensagem importante para todos nós. Jesus pede ao Pai que nos consagre na verdade e nos guarde do mundo. Antes de mais nada, é significativo que Jesus, ao pedir ao Pai que nos consagre e guarde, não Lhe pede para nos tirar do mundo. Sabemos que envia os seus discípulos para serem fermento de santidade e verdade no mundo: o sal da terra e a luz do mundo. Nisto, os mártires mostram-nos o caminho.

Algum tempo depois que as primeiras sementes de fé foram lançadas nesta terra, os mártires e a comunidade cristã tiveram que escolher entre seguir Jesus ou o mundo. Tinham escutado a advertência do Senhor, ou seja, que o mundo os odiaria por causa d'Ele (cf. Jo 17, 14); sabiam qual era o preço de ser discípulo. Para muitos, isso significou a perseguição e, mais tarde, a fuga para as montanhas, onde formaram aldeias católicas. Estavam dispostos a grandes sacrifícios e a deixar-se despojar de tudo o que pudesse afastá-los de Cristo: os bens e a terra, o prestígio e a honra, porque sabiam que somente Cristo era o seu verdadeiro tesouro.

Hoje, muitas vezes, experimentamos que a nossa fé é posta à prova pelo mundo, sendo-nos pedido de muitíssimas maneiras para condescender no referente à fé, diluir as exigências radicais do Evangelho e conformar-nos com o espírito do tempo. Mas os mártires chamam-nos a colocar Cristo acima de tudo, considerando todas as demais coisas neste mundo em relação a Ele e ao seu Reino eterno. Os mártires levam-nos a perguntar se há algo pelo qual

estamos dispostos a morrer.

Além disso, o exemplo dos mártires ensina-nos a importância da caridade na vida de fé. Foi a pureza do seu testemunho de Cristo, manifestada na aceitação da igual dignidade de todos os baptizados, que os levou a uma forma de vida fraterna que desafiava as rígidas estruturas sociais do seu tempo. Foi a sua recusa de separar o duplo mandamento do amor a Deus e do amor ao próximo que os levou a tão grande solicitude pelas necessidades dos irmãos. O seu exemplo tem muito a dizer a nós que vivemos numa sociedade onde, ao lado de imensas riquezas, cresce silenciosamente a pobreza mais abjecta; onde raramente se escuta o grito dos pobres; e onde Cristo continua a chamar, pedindo-nos que O amemos e sirvamos, estendendo a mão aos nossos irmãos e irmãs necessitados.

Se seguirmos o exemplo dos mártires e acreditarmos na palavra do Senhor, então compreenderemos a sublime liberdade e a alegria com que eles foram ao encontro da morte. Além disso, veremos que a celebração de hoje abraça os inúmeros mártires anónimos, neste país e no resto do mundo, que, especialmente no século passado, ofereceram a sua própria vida por Cristo ou sofreram duras perseguições por causa do seu nome.

Hoje é um dia de grande alegria para todos os coreanos. O legado do Beato Paulo Yun Ji-chung e dos seus Companheiros – a sua rectidão na busca da verdade, a sua fidelidade aos supremos princípios da religião que tinham escolhido abraçar, bem como o seu testemunho de caridade e solidariedade para com todos – tudo isso faz parte da rica história do povo coreano. O legado dos mártires pode inspirar todos os homens e mulheres de boa vontade a trabalharem harmoniosamente por uma sociedade mais justa, livre e reconciliada, contribuindo assim para a paz e a defesa dos valores autenticamente humanos neste país e no mundo inteiro.

Possam as orações de todos os mártires coreanos, em união com as de Nossa Senhora, Mãe da Igreja, obter-nos a graça de perseverar na fé e em toda a boa obra, na santidade e pureza de coração e no zelo apostólico de testemunhar Jesus nesta amada Nação, em toda a Ásia e até aos confins da terra. Amen.

Um testemunho de amor, o Papa com os mais frágeis

16-08-2014 12:20 por Aura Miguel, enviada à Coreia do Sul RR online

O Papa encontrou-se com crianças deficientes, abandonadas pela família e rejeitadas pela sociedade coreana. E deu um grande testemunho de amor.

Quando entrou na "House of Hope" (Casa da Esperança), Francisco foi aclamado com vivas ao Papa.

Os sons vinham de pessoas em cadeiras de rodas, macas e, sobretudo, de muitas crianças com grave deficiência ou paralisia, crianças abandonadas pela família e rejeitadas pela sociedade coreana, que dificilmente adopta crianças nestas condições.

Ofereceram-lhe presentes e um colar de flores que Francisco pendurou ao pescoço.

Assistiu a um mini-espectáculo de dança alegremente representado pelos mais novos, dois deles incapazes de andar, mas nem por isso menos contagiados de alegria.

No final, Francisco deteve-se junto de todos,

acariciando ternamente e sem pressa, um por um, ao ponto de ter causado atrasos no resto do programa.

É certo que o encontro deste sábado à tarde (hora local) em Kkottongnae não reuniu a multidão desta manhã em Seul, mas, com estes mais pequenos e abandonados, diria que a solicitude do Papa Francisco até que aumentou, dando ele próprio um grande testemunho de amor.

A matemática do Irão

JORGE ALMEIDA FERNANDES Público | 17/08/2014 - 13:32

"Há uma única palavra para comentar esta notícia: finalmente!"

A iraniana Maryam Mirzakhani, 37 anos, é a primeira mulher a receber a Medalha Fields, o mais relevante prémio na matemática. "Encontro uma única palavra adequada para comentar esta notícia: finalmente!" — declarou Elisabetta Strickland, chefe da delegação italiana ao Congresso Internacional dos Matemáticos que decorre em Seul. "Há anos que me bato para trazer à luz a excelência feminina na matemática e este ano esperava esta vitória." Desde a criação do prémio, em 1936, não consta nenhum nome de mulher – até 13 de Agosto de 2014.

A Fields não distingue um grande matemático mas aquele que faz uma "descoberta excepcional". A Fields não se ganha com técnica mas com inventividade, diz o francês Cédric Villani, premiado em 2010. Mas sem técnica, não se vai a lado nenhum. "A imaginação e o rigor são duas das três qualidades essenciais de um matemático. A terceira é a tenacidade." De resto, como os poetas, os matemáticos dizem-se sujeitos a "iluminações".

Todas estas marcas estão patentes em Maryam, cuja genialidade e originalidade são reconhecidas pela comunidade matemática. Por trás de cada descoberta há um percurso e é este o que aqui interessa focar.

O ayatollah e as mulheres

Veio do Irão. Fez o doutoramento em Harvard, ensinou em Princeton e mudou para Stanford, onde vive com o marido e a filha de três anos. Observou numa entrevista: "Gostaria de dizer que o sistema de educação iraniano não é o que as pessoas aqui podem imaginar. Quando estive em Harvard, tinha de explicar incessantemente que, enquanto mulher, tinha o direito de frequentar a universidade."

Afirma Nasin Azadi, colaborador do Libération em Teerão: "Ela é um puro produto do sistema educativo iraniano. (...) Foi educada no Liceu Farzanegan de Teerão, que depende da 'Organização para o desenvolvimento dos talentos brilhantes', cujo objectivo é descobrir alunos sobredotados ou, pelo menos, os melhores através de concursos nacionais."

Os escolhidos fazem os seus estudos em estabelecimentos específicos com programas muito mais exigentes. Maryam frequentou depois a Universidade Sharif de Teerão, onde só entra uma ínfima minoria dos candidatos num curso ultra-exigente e onde a qualidade do ensino é muito elevada.

Para estimular os estudantes o Irão promove competições entre universidades. Em 1985, aderiu às Olimpíadas Internacionais de Matemática, para jovens. Foi aí que Maryam anunciou o seu talento: medalha de ouro em 1994 e 1995. Em 1998, o Irão foi o primeiro classificado, batendo os Estados Unidos.

O sistema de ensino combina duas vertentes, o ensino de massas e o ensino de elite. Tal como combina escola pública com escola privada. Foi a resposta a duas necessidades diferentes: a democratização do ensino e a formação de quadros de alta qualificação.

Depois da Revolução Islâmica de 1979, o ayatollah Khomeini ordenou a "islamização do ensino". Não se tratava de um mero regresso ao passado mas da tentativa de combinar o ensino religioso com o ensino científico moderno — mas sem "as perversões da cultura ocidental". Milhares de professores foram demitidos e os programas reescritos. E houve uma medida ideológica de grande impacto: a abolição do ensino misto nos níveis secundário e médio.

Qual foi o efeito? Alargar exponencialmente a entrada das mulheres no ensino. As famílias conservadoras passaram a deixar as filhas fazer cursos. Em 1978, as mulheres representavam 37% da população do secundário e 29% da universitária. Em 2004, elas representavam 57% da universidade e uma taxa mais alta nos ramos científicos.

Prevê-se que dentro de dois ou três anos, as mulheres obtenham 70% dos diplomas universitários. Elas dão-se bem com os concursos e com a competição. Que transformações sociais, económicas e de mentalidade anuncia isto? Os ultraconservadores reagiram e, na era de Ahmadinejad, quiseram impor quotas máximas para as mulheres e reservar aos homens o acesso a muitos cursos. Várias universidades o fizeram. Permanece a disputa sobre as turmas mistas. Não há uniformidade.

As autoridades gostam que os seus "génios" façam o doutoramento nas mais prestigiadas universidades ocidentais — caso de Maryam, que foi para Harvard trabalhar sob orientação de Curtis McMullen, um Fields Medal. Aceitam que eles aí fiquem a ensinar, na expectativa de que, mais tarde, voltem ao Irão. Muitos bolseiros assinam contratos de regresso. Hoje, 76% dos seus "matemáticos olímpicos" ensinam nos EUA ou na Grã-Bretanha. Teerão está agora a braços com um brain drain: segundo o Banco Mundial, entre 2009 e

2013, 300 mil jovens iranianos decidiram ir trabalhar para o estrangeiro.

Sem resolver o conflito do nuclear e pôr fim às sanções, o Presidente Hassan Rouhani terá dificuldade em inverter o movimento e em tirar partido das elites que o país forma. É o círculo vicioso em que o regime se encontra encerrado.

A mais rentável ciência

Porquê o relevo dado à matemática que levou, por exemplo, a espalhar pelo país "casas da matemática" para elevar a formação dos estudantes e professores?

Por um lado, a República Islâmica queria demonstrar as suas capacidades científicas à escala internacional. Por outro, as matemáticas não são uma disciplina entre outras. "Mudam o mundo", escreve o investigador francês Idriss Aberkane. "Se são fontes de beleza e deslumbramento, são mais prosaicamente uma excepcional fonte de desenvolvimento económico. Sem experiências nem materiais dispendiosos, utilizando o espírito, um papel e um lápis, o matemático muda silenciosamente o mundo e gera acessoriamente milhões de milhões de dólares em valor económico in futurum."

O Irão recebeu o prémio do seu investimento. E Maryam Mirzakhani devolveu com dividendos a dívida para com o Irão, que ela faz sempre questão em sublinhar.

Rouhani escreveu-lhe na quarta-feira. "Hoje, os iranianos podem sentir-se orgulhosos de que a primeira mulher que jamais ganhou a Medalha Fields seja sua compatriota. Sim! O mais competente deve ocupar a mais alta posição e deve ser o mais respeitado. Todos os iranianos, onde quer que estejam no mundo, são valores da nossa terra, e eu, como representante da nação iraniana, louvo as suas realizações científicas. Espero que a sua vida seja sempre plena de felicidade e sucesso."

Maryam quebrou uma barreira histórica.

O norte da democracia

Rui Ramos Observador | 18/8/2014

A integração europeia nem sempre favoreceu a sociedade e a economia nortenhas, fê-las mais fracas e mais dependentes. A democracia portuguesa perdeu com o fim do norte de Pires Veloso.

Morreu o general Pires Veloso, e a imprensa conseguiu lembrar-se que, em tempos, lhe chamaram o "vice-rei do norte". Prestadas as merecidas homenagens, talvez se justifique lembrar de que "norte" foi Pires Veloso o vice-rei. Em 1974, num país até então sujeito a censura e sem eleições livres, não existia ideia de que a população pudesse ter opções políticas, quanto mais que essas opções pudessem ser diferentes a sul e a norte. A ditadura tratara todos os portugueses com o mesmo paternalismo autoritário. As novas autorida-

des militares revolucionárias não mudaram demasiado a perspectiva. Quando se lembraram de marchar para o socialismo, lembraram-se também de ajudar o povo a acompanhar a marcha. Foi então que lhes ocorreu que talvez o "norte" fosse um caso especial. Não por que pudesse preferir outra filosofia política, mas por parecer, visto do Terreiro do Paço, mais distante, mais montanhoso, mais rural, mais católico, com mais sotaque – logo, mais "atrasado".

Como a maior parte da população portuguesa residia a norte, era preciso fazer alguma coisa. Felizmente, os militares revolucionários tinham aprendido os rudimentos da "guerra psicológica" em África. Decidiram assim sujeitar o povo do norte ao tratamento até aí reservado aos indígenas africanos, e lançaram as célebres campanhas de "dinamização cultural", com helicópteros a espantar rebanhos de ovelhas. Nesses tempos, os bandos esquerdistas rolavam à vontade por todo o país, e tanto impediam comícios do CDS em Lisboa como no Porto. Mantinha-se a esperança de um país homogeneamente socialista. As eleições de 25 de Abril de 1975 foram a primeira grande surpresa. Afinal, os portugueses não queriam todos a mesma coisa. Os distritos a norte do Tejo votaram em massa, e votaram no PS e sobretudo nos partidos à sua direita, o PPD de Sá Carneiro e o CDS de Freitas do Amaral. O PCP, no auge da sua influência sobre as forças armadas e o Estado, teve votações ridículas nalguns dos distritos mais populosos do continente: em Viseu, por exemplo, 5 mil votos (2%), contra 100 mil para o PPD (44%), 50 mil para o PS (21%) e 40 mil para o CDS (17%).

Como se sabe, a votação animou o PS, o PPD e o CDS, mas nem por isso moveu o PCP e a extrema-esquerda, que, sustentados nos quartéis de Lisboa, prosseguiram a ocupação do país. Depois do jornal República, foi a vez da emissora católica, a Rádio Renascença. Alguma coisa aconteceu então. O clero moveu-se, e com o clero, moveu-se o norte. Líderes religiosos como o arcebispo de Braga, D. Francisco Maria da Silva, ou o bispo de Aveiro, D. Manuel de Almeida Trindade, chefiam enormes concentrações de fiéis a protestar contra as arbitrariedades dos aprendizes de marxismo em Lisboa. Entre Julho e Agosto de 1975, milhares e milhares de pessoas juntaram-se às manifestações anti-comunistas nas cidades e povoações do norte. Foi um dos maiores movimentos de massas da história de Portugal e assinalou, perante a infiltração comunista no Estado, a identificação de uma grande parte da população com o modelo da democracia ocidental.

Manifestação anti-comunista em Braga, Verão de 1975

O norte era de facto outro país. Perante um sul de funcionários públicos e de latifúndios e grandes empresas — propriedades de velhas famílias protegidas pela ditadura, e depois nacionalizadas pela revolução —, estava este outro país de pequenos agricultores, pequenos empresários e emigrantes, na maior parte self-made men, ciosos das suas propriedades, ligados desde a década de 60 à Europa ocidental pelas exportações e pela migração, e unidos em comunidades ferozmente independentes, à volta das suas autoridades religiosas tradicionais. E curiosamente, era também a norte que estava a maioria da "classe operária", não em grandes unidades industriais, mas em pequenas fábricas espalhadas pelos campos. Foi esse povo que, no Verão de 1975, saiu em massa à rua, ao toque de sinos, para contestar o comunismo fardado de

Lisboa. Em pouco tempo, as sedes do PCP e da extrema-esquerda conheciam, a norte, o destino que, a sul, tinham tido as dos partidos não-socialistas.

Não era a primeira vez que isto acontecia. Muitos lembraram-se, em 1975, da "Maria da Fonte", o levantamento popular anti-fiscal minhoto que provocara a queda de Costa Cabral em 1846. Em Lisboa, comunistas e extrema-esquerda, em pânico, chamavam aos nortenhos "reaccionários" e "terroristas". Apareceram de facto grupos de aventureiros violentos, uma espécie de "che guevaras" de direita, entusiasmados pela ideia de uma "guerra de libertação nacional" contra o comunismo lisboeta. Mas a maioria da população foi aquela que aplaudiu Freitas do Amaral quando este explicou, no enorme comício com que o CDS encheu o estádio das Antas, a 18 de Outubro de 1975, que pretendia viver num país "em todos terão o direito de singrar e de subir na vida, podendo em qualquer momento, apenas pelo seu mérito individual, ascender aos mais altos postos do Estado ou deixar de trabalhar por conta de outrem para se estabelecerem por conta própria".

Foi essa grande expectativa de promoção social pelo seu próprio esforço, numa sociedade livre, que o norte representou em 1975, num país onde era então suposto tudo vir a pertencer ao Estado e ser decidido pelo Estado. E foi esse norte que acolheu o brigadeiro Pires Veloso, quando tomou conta do



comando da região militar, como o braço armado que até não tivera, mas também, pelas suas maneiras directas e desassombradas, como o símbolo da mítica franqueza popular nortenha perante uma Lisboa cortesã e florentina.

Hoje, comunistas e extrema-esquerda só se lembram do seu "povo" da cintura industrial de Lisboa, e preferem falar de Frank Carlucci quando explicam o fracasso da revolução. A memória da insurreição popular anti-comunista do norte é demasiado traumática para ser recordada, e no entanto, sem ela, os oficiais do "grupo dos 9", Mário Soares e Carlucci não teriam tido as possibilidades que tiveram (como aliás têm reconhecido).

Nos primeiros anos depois do PREC, foi no norte que esteve a maior parte da iniciativa privada, a exportar as roupas e a recolher as remessas da emigração que equilibravam as contas do país. Foi a norte que surgiram as primeiras grandes empresas e os primeiros bancos privados do pós-25 de Abril. Foi esse norte que deu à Aliança Democrática de Francisco Sá Carneiro, em 1979-1980, as suas maiores vitórias e a sua dimensão de movimento popular contra as limitações impostas à democracia pelo PREC. Foi esse norte que levantou o FCP como alternativa ao futebol "oficial" de Lisboa. Depois da década de 1980, a integração europeia nem sempre favoreceu a sociedade e a economia nortenhas, fê-las mais fracas e mais dependentes, enquanto os partidos políticos que tinham tido aí a sua base se instalaram no Estado lisboeta e na "Europa". A democracia portuguesa perdeu com o fim do norte de Pires Veloso.

Coisa rara nunca vista no país dos contrastes

RR online 18-08-2014 18:52 por Aura Miguel

Na Coreia do Sul aumenta o desenvolvimento e a riqueza. Mas também cresce o número de conversões e aumenta a fé católica, uma realidade impressionante, com cerca de 100 mil baptizados por ano.

Nos países onde há dinheiro, bem-estar, avanço tecnológico e consumo, a fé cristã está em queda. Já para não falar na Europa, onde nem todos são assim tão ricos, mas cujos católicos, em geral, têm mais que fazer do que ir à missa.

Ora, na Coreia do Sul passa-se exactamente o contrário: quanto mais cresce o país - em desenvolvimento e riqueza - mais cresce o número de conversões e aumenta a fé católica, uma realidade impressionante, com cerca de 100 mil baptizados por ano (entre crianças, jovens e adultos).

Coisa rara e nunca vista em tempos pós-modernos. E porquê? Os bispos coreanos dizem que a "culpa" é dos milhares de mártires que, há pouco mais de 200 anos, morreram por amor a Cristo. E que agora o seu sangue derramado faz germinar novos cristãos.

O Papa ficou impressionado com o que viu. Não só pelas multidões que participaram nas missas que celebrou, mas pelo facto de os fiéis estarem ali de alma e coração, sem perder pitada.

Esta postura dos católicos coreanos remete para dois momentos da visita que provocam a lógica do mundo.

Primeiro, Francisco beatificou 124 mártires e apontou-os como modelo. O quê? Mártir como modelo nos dias de hoje? Porque não disfarçar a fé e safar-se? Ou talvez condescender com os que estão contra e encontrar um meio-termo, para ficar bem visto na sociedade...?

Segundo, Francisco visitou, sem pressa, uma casa de acolhimento para crianças gravemente doentes, com profundas deformações e deficiências, muitas delas incapazes de comunicar. Crianças abandonadas pelos pais e pela sociedade coreana que raramente adopta meninos com problemas.

Então o Papa não tem tanta coisa para fazer? Em tão poucos dias na Coreia e uma agenda tão intensa, logo vai gastar o tempo a saudar cada uma destas crianças e carinhosamente? Podia só entrar, dar a bênção e sair. (Sabe-se lá se elas percebem).

Uma vez mais a lógica do mundo passa ao lado deste fenómeno. A resposta, no entanto, é bem simples e atractiva, tendo sido claramente testemunhada nestes dias pelo Papa e pelos católicos coreanos. Cristo é o amor mais importante da vida.

O mundo esquecido que Pires Veloso representa

PAULO RANGEL Público | 19/08/2014 - 01:45

A sociedade civil que o mítico comandante da Região Militar do Norte tão bem representa, porque foi em certo momento o catalisador das suas ansias, ansiedades e anseios, é afinal a sociedade civil que, por via de regra, sociólogos e outros académicos dão por inexistente em Portugal.

1. Morreu Pires Veloso. Não vou aqui evocar o militar, nem sequer o homem. O que me interessa ressaltar em Pires Veloso, mais do que o exacto lugar no processo revolucionário ou a dimensão ética da sua personalidade, é o mundo esquecido, ostensivamente esquecido, que ele representa. E curiosamente o mundo que ele representa, apesar de ele ter sido um militar, é o mundo da sociedade civil.

Uma sociedade civil, resistente, inconformada, organizada numa rede de malha densa. Uma sociedade civil que foi capaz de ousar a mudança e que o fez com plena consciência dos riscos. Uma sociedade civil que, pela sua acção quotidiana e discreta, típica de uma maioria silenciosa, foi capaz de impedir a deriva totalitária do PREC. Uma sociedade civil que, ainda que com aquele perfil discreto, mais de formiga do que de cigarra, não teve medo de encher as praças e as ruas nos momentos decisivos. António Pires Veloso, em mais do que um momento, foi o símbolo carismático dessa mobilização. O apoio que concitou e a força que recebeu não veio essencialmente dos quartéis; veio transversalmente desses pólos da sociedade civil.

2. Essa sociedade civil que o mítico comandante da Região Militar do Norte tão bem representa, porque foi em certo momento o catalisador das suas ansias, ansiedades e anseios, é afinal a sociedade civil que, por via de regra, sociólogos e outros académicos dão por inexistente em Portugal. Sempre me suscitou grande perplexidade que a academia portuguesa, tão empenhada em estudar os grupúsculos de extrema-esquerda e o seu papel antes e depois da revolução, tão dedicada a investigar os crimes da polícia política e o destino posterior dos seus agentes, nunca se debruce sobre os movimentos e fenómenos sociais (ou, mais precisamente, sociológicos) que consubstanciaram o suporte à via moderada e pró-occidental que saiu vencedora da querela revolucionária. Se fizesse esse estudo e se o fizesse cabal e competentemente, estou convencido que rapidamente se desvaneceria essa ideia feita de que Portugal não tem uma verdadeira sociedade civil ou de que a nossa sociedade civil é frágil, fruste e fraca. Quando se fala dessa mudança de curso no PREC, apenas emergem os nomes dos heróis militares (Ramalho Eanes, Jaime Neves e Pires Veloso) ou dos líderes políticos (à cabeça de todos, Mário Soares). Quando muito, surge o papel relevante do apoio de líderes políticos europeus e, em especial, do embaixador americano Franco Carlucci. Mas será plausível que uma tão significativa mudança não tivesse raízes, alicerces e alavancas no tecido social? Essa dita maioria silenciosa – que embora desejada por Spínola, só haveria de dar sinal de vida quase um ano mais tarde – não terá sido essencial para preparar o terreno em que as peripécias militares e estritamente políticas se haveriam de desenrolar?

3. Não tenho quaisquer dados científicos para corroborar esta minha intuição. Mas, pese embora a idade tenra, tenho a memória e a experiência, para lá do enorme número de testemunhos, de quem viveu o quotidiano empenhadíssimo de muitas famílias no Norte do país. O primeiro dado que habitualmente se despreza é o de o crescimento económico dos anos 60 e o marcelismo terem criado uma classe média burguesa com aspirações económicas e culturais. Uma classe média emergente que será, nos tempos conturbados da revolução, uma aliada objectiva de uma classe das famílias tradicionais, abastadas e de perfil aristocrático e, bem assim, de uma classe média ilustrada com frequência universitária (uma espécie de nobreza de toga, nem sempre coincidente com aquelas outras duas). Nestes estratos figuravam os pequenos e médios comerciantes, os funcionários públicos de perfil médio ou alto, os professores, os vendedores comissionistas, as profissões liberais, empresários, concessionários e agentes, os quadros médios e altos das empresas. Os três estratos – que, por comodidade, designaria por burguesia emergente, aristocracia tradicional e letrados – serão aliados altamente cooperantes nos períodos mais agitados. E virão essencialmente a sê-lo em torno de uma instituição: a escola. A escola dos filhos, seja a primária, a preparatória ou a liceal. Aí

pontifica uma organização, as associações de pais que, em muitos casos, vai ser não apenas um regulador do caos reinante no ensino, mas a verdadeira célula de mobilização política destes sectores.

Se a escola era o espaço de encontro ou convergência, a Igreja com a sua sofisticada rede de penetração tinha sido o "articulador" e "doutrinador" desta solidariedade. Em especial, depois do Vaticano II, multiplicaram-se as redes de grupos cristãos muito voltados para aqueles nichos sociais (lembrem-se os "cursos de cristandade" ou as "equipas de nossa Senhora" ou, nas proximidades da Igreja, o movimento da Escola de Pais Nacional). Mesmo o fenómeno das associações de pais começou nos colégios católicos e, já depois do 25 de abril, foi replicado para as escolas públicas.

4. Lembro-me de o meu pai ter sido simultaneamente membro da direcção de três associações de pais (uma por cada filho e em cada escola), com três reuniões nocturnas por semana, em que se discutia tudo, desde os professores que decretavam recreio em tempo de aulas ou leccionavam português cursando medicina até à política mais pura e dura. Lembro-me de, por várias vezes, rumar à Avenida dos Aliados com toda a família para manifestações de apoio a Pires Veloso e à sua linha, contra o "Vasco Gonçalves, o Corvacho e o Fabião". E de no caminho termos de passar pelas barricadas do PC e de grupos da extrema-esquerda, queimando bandeiras e ameaçando os carros. Os pais não resguardavam os filhos, por mais novos que fossem. Os valores em causa eram demasiado importantes para alguém ficar em casa. É esse o mundo – que anda esquecido ou que alguém quer fazer esquecer – que Pires Veloso representa e que aqui lhe presta homenagem.

Falta paprika

JOÃO MIGUEL TAVARES Público | 19/08/2014

Eu não sou dos que acusam o Tribunal Constitucional de proferir "decisões políticas". Parece-me perfeitamente natural que as suas decisões sejam políticas, na medida em que a Constituição é um documento político.

Estava eu a ler os dois últimos acórdãos do Tribunal Constitucional quando dei por mim a pensar em culinária. Não por a qualidade da prosa me ter aberto o apetite, porque nunca abre, mas por ter subitamente constatado que os portugueses compreenderiam muito melhor o pensamento exarado pelos distintos magistrados do Palácio Ratton se, em vez de um simples pronunciamento acerca da inconstitucionalidade de certas normas, nos fosse oferecida uma análise gastronómica dos decretos do governo.

Eu sei que à primeira vista esta minha proposta parece um apoucamento do Tribunal Constitucional e até uma violação da respeitabilidade do jornal PÚBLICO. Mas por vezes é preciso coragem para inovar. Ora, aquilo que melhor faz justiça ao pensamento dos nossos juízes-conselheiros é precisamente a abordagem culinária dos princípios da igualdade, proporcionalidade e protecção de confiança inscritos na Constituição, através dos quais o TC se tem entretido a chumbar praticamente tudo o que é corte nos vencimentos de funcionários públicos e reformados, bloqueando o ajustamento pelo lado da despesa.

O mais curioso é que se analisarmos os acórdãos logo reparamos que a argumentação utilizada pelo tribunal jamais vai no sentido de declarar "isto não se pode fazer". Os juízes nunca dizem que não se podem diminuir os salários do Estado,

ou que não se podem despedir funcionários públicos, ou que não se podem cortar pensões – o que eles dizem invariavelmente é que "isto não se pode fazer assim". E quando o governo, em vez de fazer assim tenta fazer assado, também não pode ser assado – talvez frito ou cozido. O Tribunal Constitucional chumba os decretos do orçamento como a cozinheira do Solar dos Presuntos chumba os temperos da nova estagiária: "sal a mais!, alho a menos!, abustaste no azeite!, falta paprika!"

Reparem: o acórdão 574/2014 permite cortes nos salários a partir dos 1500 euros, mas apenas em 2014 e em 2015. A partir de 2016 já não. É o acórdão "tem sal a mais". Por sua vez, o acórdão 575/2014 impede a introdução de uma contribuição de sustentabilidade nas pensões, com o argumento de que não se trata de uma medida extraordinária, nem está integrada numa verdadeira reforma da Segurança Social. É o acórdão "falta paprika". Confesso que este é o meu favorito, porque nele vem incluída uma frase que certamente ficará para a história da jurisprudência portuguesa: "A medida não se apresenta como um modelo de reforma consistente e coerente em que os cidadãos possam confiar." Isto já nem sequer é uma questão de cozinha – isto já é o TC transformado na ASAE do governo. Não é a lei que está desconforme à Constituição. São os cidadãos que não podem confiar na medida apresentada por Pedro Passos Coelho. Como quem diz: há baratas em São Bento.

Vamos cá ver. Eu não sou dos que acusam o Tribunal Constitucional de proferir "decisões políticas". Parece-me perfeitamente natural que as suas decisões sejam políticas, na medida em que a Constituição é um documento político. O que já não me parece nada natural é o TC agarrar-se consecutivamente a princípios gerais da Constituição para fazer deles leituras muitíssimo restritas. Voltamos à gastronomia: aquilo a que temos assistido não é a declarações de inconstitucionalidade por a comida estar estragada, mas sim por não ter o tempero certo. É uma inconstitucionalidade de baixas calorias, que deixa o país dependente do paladar de 13 juízes-conselheiros – e paralisado ao nível da papila gustativa.

O sufocante silêncio sobre a perseguição dos cristãos

José Maria Duque, *Samurais de Cristo*, 2014.08.21

Os acontecimentos dos últimos dois meses no Iraque e na Síria têm-nos deixado com uma sensação de sufoco.

Por um lado os relatos que nos vão chegando são absolutamente aterrorizantes. Dezenas de milhares de pessoas expulsas das suas terras, homens mortos através de meios bárbaros, mulheres violadas e vendidas como escravas, crianças abandonadas no deserto, Igreja ocupadas e saqueadas. Tudo isto parece tirado de um filme de terror de má qualidade.

Por outro lado, tudo isto se passa diante do silêncio do Ocidente. Lemos as notícias, vemos os telejornais, procuramos saber o que se passa com esses nossos irmãos mártires, mas nada. Apenas um enorme silêncio. Mesmo quando os jornais falam da situação do Iraque só ouvimos falar dos yazidi (também eles sujeitos ao terror do ISIS) ou dos xiitas. Mas aparentemente nenhum líder político ocidental ou meio de comunicação reparou que já há mais de cem mil cristãos desalojados e um número ainda por apurar de mortos e de escravos.

E esta realidade é sufocante, aterrorizante. Saber que os nossos irmãos estão a ser perseguidos sem que ninguém se pareça importar, faz-nos quase chorar de raiva. Por isso revoltamo-nos, justamente. Acusamos o Ocidente de ignorar a perseguição aos cristãos, não só no Iraque, mas em tantas partes do mundo. Chegamos a usar a expressão "cristofobia" para designar esta indiferença pelos cristãos perseguidos.

Mas ao pensar nisto não posso deixar de pensar: então e eu? Que fiz eu por estes meus irmãos? Porque se é verdade que a actual situação no Iraque é mais dramática do que nunca, também é verdade que a perseguição aos cristãos no Próximo Oriente não é propriamente uma novidade.

De facto, há onze anos, antes da intervenção americana, existiam no Iraque 1.300.000 cristãos. Passados alguns anos só existiam 300 mil, os restantes tinham fugido da guerra e da perseguição. E isto acontece e aconteceu um pouco por toda aquela região. Os cristãos, presos entre guerras e revoltas, sem nenhum lobby ou país poderoso que os proteja, acabaram por ter que escolher entre fugir ou ser mortos. Aconteceu na Terra Santa, no Líbano, na Síria, no Egipto entre outros países.

E nós que fizemos e fazemos? Discutimos, resmungamos, escrevemos textos. Mas damos a este assunto a mesma atenção, ou ainda menos, do que às intrigas eclesásticas. Quantas vezes perdemos mais tempo a discutir batinas ou o latim, do que com os cristãos perseguidos? Que parte deste silêncio esmagador é culpa nossa?

E não vale a pena usarmos como desculpa a falta de meios (a eterna desculpa

nacional de que até fazíamos, mas ninguém quer). A verdade é que fomos desafiados vezes sem conta pelo Papa (quer pelo Papa Reinante, quer pelo Papa Emérito) a rezar pelos cristãos perseguidos. A verdade é que existem um sem número de instituições católicas no terreno a quem podemos ajudar. A verdade é que existem várias agências noticiosas católicas que continuam a noticiar estas perseguições. A verdade é que têm havido manifestações na Europa por causa do Iraque, mas todas de apoio ao ISIS... E nós que fazemos? E eu?

Isto nada tira à injustiça que é o silêncio total do Ocidente sobre a perseguição aos cristãos. Nem significa que nos devemos calar perante essa injustiça. Mas devemos também cair na conta de que nós, não sendo os autores dessa injustiça, temos sido sem dúvida seus cúmplices.

Quem se lixa é a McDonald's

José Milhazes | Observador | 21/8/2014

Na Rússia, a política de sanções é para continuar e Vladimir Putin não pretende fazer figura de fraco, mesmo que para isso tenham de ser os cidadãos russos a pagar a factura.

Até ao início das sanções decretadas contra a Rússia pelo Ocidente devido à intervenção militar de Moscovo na Ucrânia, a cadeia de restaurantes McDonald's era um exemplo de higiene, organização do trabalho e por aí adiante. A empresa crescia a bom ritmo, possuindo 435 restaurantes e mantendo cerca de 3000 postos de trabalho nas mais diferentes regiões da Rússia.

Porém, agora que o Kremlin necessita de responder ao Ocidente, as autoridades sanitárias russas, a Rospotrebnadzor, mandaram encerrar três dos mais conhecidos restaurantes dessa cadeia no centro de Moscovo e realizaram inspeções em dezenas de outros por todo o país.

"Durante a inspeção foram descobertas numerosas violações das exigências da legislação sanitária", lê-se num comunicado publicado pela Rospotrebnadzor, um dos organismos estatais russos mais corruptos e "politizados". No campo alimentar, nada entra ou se vende na Rússia se os funcionários desse organismo não receberem "a sua parte". No campo político, ele entrou em acção quando foi preciso proibir a entrada de águas minerais da Geórgia, ou os vinhos da Moldávia. Ou seja, a Rospotrebnadzor funciona como uma espécie de cacete político contra os países que osemem dizer "não" ao Kremlin. Como não podia deixar de ser, os produtos agrícolas ucranianos têm sido das principais vítimas da "defesa da saúde do consumidor russo".

Quem irá ganhar com o encerramento dos restaurantes da famosa cadeia? Para já, as numerosas barracas de rua que vendem frangos assados, shaurmas ou sandes em condições de higiene muito pouco adequadas, mas que a Rospotrebnadzor teima em não ver.

Em 1990, tive oportunidade de ver a abertura do primeiro restaurante dessa cadeia em Moscovo. Não consegui entrar, porque a fila de clientes dava a volta à enorme Praça Pushkin. Nesse dia, foram servidas 31 mil refeições e esse acontecimento foi visto por muitos como um sinal da abertura da então URSS ao mundo. O McDonald's tornou-se um símbolo de como podia ser normalmente servido o consumidor, uma alternativa aos refeitórios públicos soviéticos que não primavam pela higiene ou pelo bom ambiente.

Certamente que serão muitos os que irão ficar radiantes com mais esta medida contra o "imperialismo norte-americano", mas ela tem um al-

cance bem maior, não só puramente alimentar, mas também político. A política de sanções é para continuar e Vladimir Putin não pretende fazer figura de fraco, mesmo que para isso tenham de ser os cidadãos russos a pagar a factura.

P.S. As autoridades russas já se deram conta que foram longe demais nas sanções contra os produtos alimentares europeus e norte-americanos e decidiram fazer marcha atrás, visto que há produtos proibidos que a Rússia não produz e são essenciais. Entre eles estão o leite e produtos lácteos sem lactose, sementes de batata e de grão.

Europa: o mundo está a entrar-lhe pela casa dentro sem pedir licença

TERESA DE SOUSA Público, 24/08/2014 - 07:22

A Europa joga o seu futuro na forma como agir na Ucrânia e no Médio Oriente. Deixou de poder ignorar o mundo. Mas ainda não sabe como pode lidar com ele. A Alemanha, pelo menos, já mudou

Angela Merkel não costuma brincar em serviço. Concorde-se ou não com ela, provou-o na forma como geriu a crise do euro. Também não quis deixar dúvidas sobre a viragem súbita da política alemã em relação a Vladimir Putin. É verdade que foi preciso um avião com 300 pessoas a bordo, na sua maioria europeus, para fazê-la acelerar a mudança. Também aprendemos que gosta de agir no último minuto e com o menor custo possível. Desta vez, corrigiu a rota tão rapidamente que a imprensa ocidental ainda levou alguns dias a mudar, ela própria, de registo.

Desde o início da crise, a chanceler tinha decidido coordenar a resposta ao desafio bélico de Vladimir Putin com o Presidente Obama e foi o que fez, mesmo que alguns passos atrás. Manteve um contacto permanente com o Presidente russo. "Ele vive noutro mundo" disse a Obama pouco antes da anexação da Crimeia. Sempre disse que a Rússia teria de pagar um preço. Finalmente, a 29 de Julho, a decisão de passar ao "nível três" das sanções, aquele que verdadeiramente dói à economia da Rússia, foi o primeiro sinal claro dessa mudança.

A chanceler percebeu que era a segurança europeia que estava posta em causa e que a geoeconomia que inspirou a sua política externa (muitas vezes com a fúria dos seus principais parceiros europeus) e que determinou a relação da Alemanha com a Rússia, deu lugar à geopolítica.

A Alemanha é o terceiro maior parceiro comercial da Rússia (a seguir à China e à Holanda) e um dos maiores investidores. Berlim sempre entendeu que as relações com Moscovo eram para tratar ao nível bilateral e não ao nível europeu. Merkel limitou-se a corrigir os excessos do anterior chanceler social-democrata Gerhard Schroeder, o grande amigo de Putin. Percebeu que não podia relacionar-se com Moscovo ignorando pura e simplesmente a Polónia e deu-lhe um lugar a bordo. O chefe da diplomacia polaca, Radeck Sikorski agradeceu a diferença. Elogiou a chanceler com uma frase estranha na boca de um polaco: "Tenho mais receio da falta de liderança alemã do que da sua liderança". A Polónia e a maioria dos países de Leste que são hoje membros da União e da NATO sempre avisaram que Putin não era de fiar. Foram muitas vezes ignorados. Os líderes dos restantes países europeus encontraram no "unilateralismo" alemão na sua relação com a Rússia a desculpa ideal para prosseguirem com os seus negócios.

A crise na Ucrânia, que a Europa não conseguiu antecipar, pôs em causa este estado de coisas. O papel da Alemanha seria sempre crucial.

"Não estás a entender, George"

"Tu não estás a entender, George, a Ucrânia nem sequer é um Estado, parte do seu território pertence à Europa de Leste mas a parte maior foi uma oferta que lhe fizemos". A frase é de Vladimir Putin. Foi dita no dia 24 de Abril de 2008, depois da última cimeira da NATO em que George W. Bush participou, em Bucareste. Estava de partida, queria fazer as pazes com os aliados europeus, aceitou a pressão alemã para deixar cair a promessa de alargamento da Aliança à Geórgia e à Ucrânia. Três meses depois, a Rússia invadia a Geórgia a pretexto das minorias russas que viviam nos enclaves da Abkhazia e da Ossétia do Sul.

Nicolas Sarkozy partiu para Moscovo e para Tbilissi forçando um acordo que tinha duas versões diferentes, conforme a capital onde foi negociado. A Europa enterrou o problema e seguiu em frente. Alguns meses depois da ocupação, Varsóvia propôs a Berlim uma nova parceria de vizinhança virada para Leste, incluindo os países de fronteira entre a Rússia e a Europa. Frank-Walter Steinmeier, então e hoje o chefe da diplomacia alemã dos governos de coligação, rejeitou a proposta. O ministro estava a negociar na mesma altura uma "Parceria para a Modernização" com a Rússia. Sikorski uniu-se à Suécia onde o seu homólogo Carl Bildt percebia o que estava em causa. Hoje, a parceria já uma política europeia. Seguiram-se os acordos de associação que Bruxelas tratou de negociar, incluindo com a Ucrânia. Percebeu que qualquer coisa se passava quando, na véspera da cimeira em que o acordo devia ser assinado (Novembro de 2013), Kiev não compareceu. O que ninguém previu foi que os

jovens que queriam ligar o destino do seu país à Europa, fossem para a rua defender a sua causa. Em seis meses, tudo mudou.

Angela Merkel resolveu garantir essa mudança com actos que nunca imagináramos como possíveis. Na semana passada foi a Riga dizer aos leões: "Quero insistir em que o Artigo 5.º da NATO – o dever de garantir apoio mútuo – não é uma coisa que apenas exista no papel, tem de ter uma tradução concreta". Anunciou que jactos alemães vão participar numa missão da NATO de policiamento aéreo das fronteiras e que a Aliança está a acelerar a constituição de uma força de reacção rápida, "se a Rússia tentar desestabilizar a vizinhança dos Bálticos como fez na Ucrânia". A Letónia e a Estónia, membros da União e da NATO, têm vastas minorias russas. Qualquer sinal de fraqueza em Kiev iria colocá-los na linha de mira de Putin.

No sábado, a chanceler foi a Kiev mostrar de que lado está, mesmo que também para encontrar com o Presidente ucraniano uma solução política que salva a face ao Presidente russo. Escreve Quentin Peel, o correspondente do Financial Times em Berlim: "Putin esperava que a Alemanha resistisse a qualquer medida que afectasse as suas exportações". Enganou-se. "Cometeu um enorme erro de cálculo sobre a chanceler". A crise na Ucrânia apenas acelerou uma revisão da política externa que já vinha de trás. Ulrick Speck escreve no site do Carnegie Europe: "Putin está a aprender que não colhe grande simpatia no seu estrangeiro próximo e, ao contrário do que ele pensava, quando confrontada com um desafio vital, a UE pode ser um opositor muito duro". Os europeus perceberam, depois da anexação da Crimeia, que Putin "tornou claro que rejeita totalmente a ordem pós-Guerra Fria na Europa", diz Stefan Meister do European Council on Foreign Relations.

A NATO não escondeu os perigos que a situação envolve, reafirmando por palavras e alguns actos que o artigo 5.º é para cumprir. A 17 de Agosto, uma opinião assinada pelo secretário-geral da NATO Anders Fogh Rasmussen e pelo comandante supremo aliado, Philip Breedlove, notava que, "pela primeira vez desde o fim da II Guerra um país europeu anexou parte de outro pela força". "A nossa missão é garantir que a NATO quer defender todos os aliados contra qualquer ameaça". Americanos, franceses, ingleses deslocaram para os Bálticos e para a Polónia aviões e soldados. Cada vez mais, mesmo que a contragosto, a Europa começa a perceber que o seu mundo "pós-moderno" e a sua visão normativa das relações internacionais, à imagem e semelhança da sua própria integração, já saiu de moda e que a espera lá fora um mundo cada vez mais vestefaliano, onde imperam as relações de poder. Não ligou grande coisa ao mundo mas o mundo, como se esperava, entrou-lhe pela casa dentro, sem se fazer convidado.

Estamos, porventura, perante um ponto de viragem que é o fim de um longo caminho que os europeus prosseguiram nos últimos 25 anos para tentarem adaptar-se ao mundo pós-Guerra Fria. Com o Tratado de Maastrich, em Dezembro de 1991, ficou garantido o compromisso da Alemanha unificada com a integração europeia (através do euro). Em 1992, durante a primeira presidência portuguesa, a Europa considerou que podia gerir os riscos de desintegração violenta da Jugoslávia, sem ter de recorrer aos EUA. A ilusão durou três anos e duas centenas de milhares de mortos. Sucederam-se os enviados especiais e os capacetes azuis.

Os fantasmas do passado regressaram quando Bona reconheceu a independência da Croácia sem sequer informar os seus parceiros, enquanto Mitterrand se mantinha fiel à Sérvia. Em 1995, apenas restou à Europa ir à Casa Branca com uma corda ao pescoço pedir ajuda a Bill Clinton para forçar uma negociação e garantir uma força militar suficientemente grande para fazer cumprir os seus resultados. No Kosovo a história repetiu-se. Tony Blair apressou a sua doutrina da intervenção humanitária. A ONU integrou-a sob a forma do novo princípio da "responsabilidade de proteger". Cansados da humilhação que sofreram nos Bálticos (deve querer dizer Balcãs), com a sua incapacidade política e militar, Tony Blair e Jaques Chirac reuniram-se em St. Malo em 1999 para lançar as bases de uma defesa europeia. Depois veio o 11 de Setembro, o Afeganistão e o Iraque, que quebrou a meio a NATO e a União Europeia. Foi preciso a chegada de Nicolas Sarkozy ao Eliseu para que a França abandonasse a ideia de uma defesa europeia fora da NATO, que Londres recusava aceitar. O anterior Presidente integrou a França de novo na estrutura militar da Aliança (De Gaulle retirara-a de lá em 1966) e aproximou-se dos Estados Unidos, abrindo as portas a um novo entendimento com Londres. François Hollande não pôs essa reorientação em causa. Faltava a Alemanha definir o seu lugar.

A decepção do Tratado de Lisboa

Há precisamente cinco anos a União dedicava-se pela primeira vez à escolha dos novos cargos que o Tratado de Lisboa criava para garantir um perfil mais forte da Europa na cena internacional: o presidente do Conselho Europeu e o Alto representante para a política externa e de segurança. Os líderes europeus, a começar pela chanceler, ainda olhavam de cima para a crise financeira como um problema americano. Os sinais de bancarrota eminente na Grécia já eram visíveis mas Merkel acreditava piamente na célebre cláusula do "no bailout".

O Tratado de Lisboa dava muito maior importância à política externa e de segurança europeia. Criava uma nova estrutura diplomática (o Serviço Europeu de Acção Externa) chefiada por um Alto representante que presidiria também ao Conselho dos Negócios Estrangeiros e ocuparia uma das vice-presidências da Comissão. Não foi preciso muito tempo para perceber que os grandes países não tencionavam abdicar um milímetro do controlo da política externa e, ainda mais, das decisões militares. A nova chefe da Diplomacia europeia era uma ilustre desconhecida britânica sem qualquer experiência diplomática. Catherine Ashton compreendeu que pouco mais se esperava dela a não ser montar o Serviço Europeu de Acção Externa e produzir declarações suficientemente vazias para não incomodar ninguém. Só na parte final do seu mandato conseguiu apresentar trabalho. A discreta negociação entre o Kosovo e a Sérvia, que levou a bom fim, provou até que ponto a perspectiva de aderir à União ainda é suficientemente forte para enterrar os ódios nacionalistas do passado. Hillary Clinton estabeleceu uma boa relação com ela. Mas ninguém pode dizer que a Europa tenha hoje uma política externa e de segurança mais forte e mais coerente. Tem as estruturas institucionais e militares. Não tem a vontade política.

Nem tudo correu mal desde Maastricht. A Europa conseguiu levar a cabo a sua missão estratégica mais importante a seguir ao euro: unificar o continente europeu através da democracia e dos mercados. Na primeira década do novo século ainda se escreveram longos ensaios sobre a eficácia do seu poder de atracção, que se estendia para além das fronteiras europeias e que se revelava uma arma muito mais poderosa de "regime change" do que as guerras de Bush. As potências emergentes ainda não tinham emergido e o modelo europeu chegou a ser tentado em várias latitudes. A crise do euro gastou-lhe energias e uma boa parte do seu soft-power. Ninguém compreendeu, em Brasília, em Nova Deli ou Pequim, como é que o bloco económico maior e mais rico do mundo não conseguia vencer uma crise que começou por atingir um país que representava 2% da sua riqueza, ao ponto de ir mendigar apoio ao FMI e ao G20. Não ignorou apenas o seu flanco Leste. Ignorou a Turquia, deixando Erdogan à vontade para a sua deriva em direcção ao autoritarismo.

Quem vão escolher os líderes europeus no próximo dia 30 de Agosto para substituir Lady Ashton? Já ninguém acredita em milagres. Mas Putin fez à Europa um grande favor de mostrar ao obrigá-la a encarar o mundo tal como ele é. A Síria e o Iraque mostraram-lhe até que ponto um Médio Oriente mergulhado em violência é, como disse Laurent Fabius, um problema de segurança europeia. As imagens da decapitação de um jornalista americano fizeram-na acordar para uma realidade demencial da qual não pode fugir. A França teve de ir quase sozinha ao Mali para impedir a tomada do poder por um grupo jihadista radical. Merkel ainda não estava disponível para "pagar as guerras dos outros". Antes disso, quando o Conselho de Segurança decidiu sobre a operação na Líbia, resolveu abster-se ao lado da China, da Rússia e do Brasil. Desde aí tentou corrigir o tiro.

Até às imagens insuportáveis do jornalista americano degolado por alguém de forte acento britânico, europeus e americanos queriam ver o Iraque como um problema humanitário. Na sexta-feira, François Hollande disse o mesmo que o secretário da Defesa americano Chuck Hagel: "Creio que a situação internaci-

onal é a pior que vimos desde o 11 de Setembro". Diz o editor europeu da BBC, Gavin Hewitt, que o Presidente francês foi ao cerne da questão: "Já não podemos manter o debate tradicional sobre intervenção ou não intervenção." David Cameron não resistiu à tentação de recorrer ao tom churchiliano a que nenhum primeiro-ministro britânico resiste para proclamar o combate a esta nova era do terror. A imprensa diz que foi apenas o tom. O primeiro-ministro conservador tem sido um desastre em matéria de política externa, levando o seu país para uma marginalidade europeia e transatlântica, incluindo militar, onde nunca esteve. Desta vez, a própria Alemanha não precisou de tempo para se juntar à decisão francesa de envio de armamento para os curdos iraquianos. Paris quer uma conferência para uma estratégia internacional em Setembro. Para além da importância crescente da relação transatlântica, o futuro da Europa num mundo que lhe é cada vez mais hostil vai depender da forma como resolver a crise ucraniana e enfrentar a nova ameaça da barbárie jihadista. Vivem na Europa mais de 20 milhões de muçulmanos. Não é uma coisa que possa ficar lá fora. O problema é que a segurança tem um custo que os europeus podem não estar dispostos a pagar, habituados que estão a não ter de escolher entre a manteiga e a espingarda, graças à garantia americana. Na próxima cimeira da NATO, no início de Setembro, os EUA vão insistir novamente em que a Europa não pode continuar a reduzir os seus orçamentos de defesa. No clima de austeridade criado pela crise, vai ser muito difícil aos governos explicarem isso aos seus eleitores. Mas alguma coisa vai ter de mudar na economia e na política externa, se a Europa não quer mergulhar na instabilidade e na irrelevância.

Estado Islâmico: uma vocação totalitária

JORGE ALMEIDA FERNANDES Público | 24/08/2014

1. O Estado Islâmico (EI, ex-ISIS) é uma ameaça de tipo novo. Não é "mais um" grupo terrorista ou de fanáticos apocalípticos. Tem outra ambição. Encara-se como um verdadeiro Estado em construção — o "califado" — e não como uma organização de militantes. Controla, na Síria e no Iraque, um território da dimensão da Grã-Bretanha. Utiliza métodos de tal modo violentos que suscitou a repulsa da Al-Qaeda. Está a mudar o mapa do Médio Oriente e a dinâmica das "guerras por procuração" que lá se travam. Mais relevante do que o fanatismo é a sua vocação totalitária.

Os analistas atribuíram inicialmente o seu sucesso a três factores: uma extraordinária mobilidade com elevado poder de fogo, a brutalidade dos ataques e uma refinada propaganda de actos de barbárie para desmoralizar quem lhe resiste. Chuck Hagel, secretário da Defesa americano, declarou depois do vídeo da decapitação do jornalista James Foley: "É um grupo mais bem organizado do que qualquer outro de que tenhamos conhecimento. Eles não são um simples grupo terrorista. Aliam ideologia e sofisticação militar. Dispõem de fundos financeiros incríveis."

2. Hoje, os analistas procuram um modelo explicativo geral para lá da descrição ou da denúncia do terror. Constatam que o novo combate não se pode equacionar na clássica figura de "guerra assimétrica" entre Estados e entidades não estatais. A analogia entre o território ocupado pelo EI e as "zonas libertadas" das antigas guerrilhas é ilusória.

Após a invasão americana do Iraque e o fiasco da política de "construção de nações" (nation building) da era Bush, o Médio Oriente tornou-se

palco de uma luta pela hegemonia entre sunitas e xiitas — ou, mais rigorosamente, entre sauditas e iranianos. O EI insere-se neste campo, mas excedendo o anterior quadro, declarando "apóstatas" os sunitas que se lhe não submetem. Ameaça também a Arábia Saudita, declarando ilegítimo o regime da Casa de Saud.

Há um factor importante. Escreve o diplomata americano Christopher Hill: "No Médio Oriente, os Estados estão a tornar-se cada vez mais fracos, enquanto as autoridades tradicionais, sejam velhos monarcas ou presidentes seculares, parecem incapazes de tomar conta dos seus agitados povos. Enquanto a autoridade estatal declina, as lealdades tribais ou sectárias [religiosas] fortalecem-se." O que é hoje um iraquiano, um sírio, um libanês? É alguém que se define primeiro como xiita, sunita, alauita ou cristão. As "primaveras árabes" foram um revelador da falência da generalidade dos Estados e são agora submergidas pela vaga salafista.

Abu Bakr al-Baghdadi, líder do EI, propõe um modelo alternativo de Estado — o "califado". A ideologia que o sustenta é a utopia do regresso ao tempo do Profeta e a reunificação dos sunitas em torno da sua bandeira negra. Contra o Ocidente e — antes disso — contra os "hereges" xiitas ou os "infiéis" cristãos. É um projecto político de substituição dos Estados nascidos do fim do Império Otomano e da descolonização, muitos deles artificiais e com fronteiras desenhadas pelas potências europeias.

Montou nos territórios conquistados estruturas para-estatais e impôs uma versão extrema da sharia. Os habitantes de Mossul foram despojados da documentação pessoal, recebendo um B.I. do "califado". A ideia de "Estado islâmico" visa dar um novo mito mobilizador às massas sunitas. Preenche um vazio. Longe vai o tempo dos reformadores árabes do século XIX e dos nacionalistas seculares do século XX.

O rigorismo religioso do EI não o impede de fazer alianças tácticas, na Síria ou no Iraque. Aqui, aliou-se a tribos revoltadas contra o Governo xiita de Bagdad e a alianças gerais de Saddam Hussein, que nunca passaram por piedosos. São alianças precárias mas eficazes.

O EI tem uma vantagem sobre os movimentos congéneres: já não depende do financiamento de Estados estrangeiros, como a Arábia Saudita ou o Qatar. "Nacionaliza" os fundos dos bancos nas cidades que conquista. Cobra resgates. Recebe donativos de milionários do Golfo. Organiza colectas de fundos. Toma centrais eléctricas a Damasco e depois vende a electricidade ao Governo sírio. Exporta o petróleo das jazidas que ocupou. Assim, paga bem aos jovens desempregados que recruta e fanatiza. E dá-lhes uma bandeira.

O EI recorre exaustivamente à Internet e às redes sociais. Para lá dos sofisticados vídeos com massacres e decapitações reais, fabrica cenas fictícias de horror, difundidas nos países árabes. "Para recrutar seguidores e aterrorizar os inimigos até à rendição", escreve o jornalista árabe Ali Hashem. E para provocar "efeitos de imitação". Comparados com eles, os taliban do Afeganistão eram "homens das cavernas", observou um militar americano.

3. É largamente conhecida a perseguição de cristãos e yazidis. Em Mossul deram-lhes uma alternativa: a conversão ou a fuga. O EI alardeou o massacre de soldados xiitas em Tikrit — alegadamente 1700. Mostrou execuções em massa.

Se os xiitas são "hereges", os sunitas que lhe resistem tornam-se "apóstatas" e, por isso, também destinados à morte. Na Síria, massacraram recentemente 700 membros de uma tribo sunita. No Iraque, muitos sunitas estão a refugiar-se em cidades xiitas, informa o diário digital Al-Monitor.

O EI não se limita a matar ou a impor o seu credo. O "califado" está também a destruir o património da antiga Mesopotâmia, berço de civilizações. Dinamitou inclusive a histórica mesquita sunita que se erguia sobre o "túmulo de Jonas" — profeta para judeus, cristãos e muçulmanos. "Reza-se a Deus e não a um homem, ainda que profeta."

Em suma: trata-se de "erradicar uma civilização" escreve o Daily Star, de Beirute. O Médio Oriente é um mosaico de povos, culturas e religiões. O EI quer fazer tábua rasa desta civilização. "Se deixarmos os fanáticos continuar a atacar a diversidade do mundo árabe, a cultura, o património e a identidade, eles fá-lo-ão impunemente, o que é ainda pior do que assassinar pessoas. Aniquilarão séculos de civilização."

4. O totalitarismo, anota Hannah Arendt, não é tanto um regime político como uma "dinâmica autodestrutiva", que visa eliminar tudo o que lhe resiste, anular a autonomia do indivíduo e dissolver as estruturas sociais. Não me refiro à tese do "fascismo verde", que foi moda há uma ou duas décadas.

Não se deve confundir o EI com o despotismo saudita ou com a teocracia iraniana. Abu Bakr al-Baghdadi vai muito além do fundamentalismo. Elaborou o projecto político do "califado" e está a conquistar um território cuja fronteira se ignora se acaba no Líbano ou no Norte de África.

Elaborou a utopia ideológica de uma comunidade de crentes emigrando para a era do Profeta. Tem uma vocação expansionista e recruta jovens na própria Europa. Transformou a religião numa ideologia da morte. "Hereges", "apóstatas" e "infiéis" tornam-se seres sub-humanos passíveis de extermínio.

É esta dinâmica que o aproxima dos totalitarismos. Falar apenas em barbárie é

uma ilusão.

Carta aberta ao Doutor Richard Dawkins

First things, 2014.08.23 (traduzido por Pedro Aguiar Pinto)

Caro Doutor Dawkins,

No princípio desta semana, no Twitter, o senhor chamou a atenção para um facto perturbador desconhecido para a maioria das pessoas. Fez notar que nos Estados Unidos e na Europa, a maior parte das crianças concebidas com síndrome de Down são abortadas. Tem razão. Alguns peritos estimam o número em cerca de 90%. Outros sugerem que só 65, 70 ou 80% das crianças com síndrome de Down são abortadas. O número real é provavelmente muito difícil de determinar. O senhor, Dr. Dawkins, tem um palco, uma audiência e de certo modo muito real estou-lhe grato por ter chamado a atenção para a irradiação pré-natal de pessoas com síndrome de Down.

Mas o senhor expôs o seu argumento sobre a ubiquidade do síndrome de Down em prol da defesa de uma asserção terrível. O senhor, Dr. Dawkins, sugeriu no Twitter um imperativo moral de abortar crianças concebidas com o síndrome de Down. Disse que se uma mulher tivesse a escolha de abortar uma criança nessa situação e não o fizesse, estaria a actuar imoralmente. Estou incomodado com isso e, muito honestamente, estou confundido.

Tradicionalmente, o senhor manteve uma posição de neutralidade moral face ao aborto. Afirmou que matar animais com capacidade de experimentar dor, medo e sofrimento tem maior significado moral do que matar fetos: humanos por nascimento, mas sem o tipo de sentiência que lhes dá significância moral. Não está sozinho nessa posição que se tem vindo a tornar de rigueur entre a maior parte dos eticistas analíticos contemporâneos.

Eu discordo da sua posição. Há muito tempo concluí que o feto, e, de facto, o zigoto são seres humanos - não desenvolvidos, certamente, mas possuindo a dignidade e os direitos de adultos sentientes.

Apesar da minha discordância, reconheço que tem tentado aplicar o seu ponto de vista com consistência numa gama variada de situações éticas.

Até esta semana. Esta semana passou de uma apresentação do aborto como um acto moralmente neutro para a asserção de que o aborto de algumas pessoas - pessoas com deficiência genética - é uma bem moral. um imperativo moral, de facto. Não mostrou qualquer base para esta posição. Suspeito que acredita que as pessoas com síndrome de Down sofrem desnecessariamente e causam sofrimento desnecessário aos seus amigos e parentes. E, como princípio geral, acredito que esteja inclinado para obviar o sofrimento humano tanto quanto possível.

O senhor disse frequentemente que quem discordasse de si deveria "ir embora e aprender a pensar". Tentei aprender a pensar, ao longo dos anos, mas talvez seja de certo modo ingénuo. Mas uma das coisas que concluí é que a filosofia ética não pode ser desenvolvida num ambiente esterilizado - que a nossa humanidade, a nossa intuição, a nossa empatia, de facto, deve ser reconhecida como uma fonte de perspectiva ética se queremos pensar bem. Talvez o senhor acredite que a sua posição sobre o aborto e o síndrome de Down seja logicamente válida. Mas eu pergunto-me se mantém acordado à noite com a repulsa que vem de ser o campião da matança.

O sofrimento não é um mal moral a ser evitado. O sofrimento pode ter significado e valor. Pergunte a Victor Frankl. Ou a Mohandas Gandhi. Ou a Martin Luther King Jr. Ou, se quiser, pergunte aos meus filhos.

Eu tenho dois filhos com síndrome de Down. Eles são adoptados. Os seus pais biológicos foram confrontados com a escolha de os abortarem e não o fizeram. Em vez disso, as crianças vieram viver connosco. São crianças adoráveis. São belas. São felizes. Uma é sobrevivente de um cancro, por duas vezes. Descobri que no hospital, quando fez quimioterapia e nós sofriamos pela agonia e cansaço, a nossa filha, Pia estava mais focada em fazer amizade com as enfermeiras e em roubar estetoscópios. Elas sofrem, as minhas crianças, mas no contexto de uma alegria irreprimível.

Pergunto-me, se o senhor passasse algum tempo com elas, se sentiria da mesma maneira sobre o sofrimento, sobre a felicidade, sobre a dignidade pessoal. Pergunto-me, se dançasse com elas na cozinha, se pensaria que o aborto seria no seu melhor interesse. Pergunto-me, se brincasse com elas se encontraria algum valor na sua existência.

E assim, Dr. Dawkins, gostaria de o convidar para jantar. Venha passar algum tempo com as minhas crianças. Partilhe uma refeição com elas. Antes de advogar a sua morte, venha descobrir o que vale a pena nas suas vidas. Descubra se o sofrimento vale a alegria

Não quero que venha para um debate. Não quero condená-lo. Quero que faça experiência da alegria das crianças com síndrome de Down. Quero que o seu coração se comova de alegria também,

Qualquer dia da próxima semana é bom para nós excepto Quarta-feira

Os meus melhores cumprimentos

JD Flynn

E pouco se falará do que se passou ontem

FERREIRA FERNANDES

DN 2014.08.25

Em agosto de 1944, os oficiais alemães acusados de participar no atentado falhado contra Hitler foram julgados em Berlim. Iriam ser todos fuzilados, mas a condenação começou logo no julgamento. Todos os réus tinham calças largas e sem cinto. Quando se levantavam, agarravam-se às calças numa posição ridícula. Em 1952, o PC checoslovaco organizou o Processo de Praga contra ex-dirigentes comunistas caídos em desgraça. À entrada dos réus no tribunal, assistentes, advogados e juizes gargalharam porque os 14 detidos tropeçavam nas calças largas e sem cinto. Onze foram condenados à morte e executados (há um belo filme, *A Confissão*, de Costa-Gavras, sobre o processo). Ontem, dezenas de soldados ucranianos foram passeados numa avenida de Donetsk, na região leste da Ucrânia controlada por separatistas pró-russos. Os soldados iam de mãos amarradas nas costas e eram escoltados por baionetas e insultados pela multidão nos passeios. Depois de eles passarem, dois camiões de água varreram o asfalto, como que a limpá-lo, e a multidão riu. Era muito importante que os factos históricos - e ontem é também História - fossem lidos como as peças de Shakespeare. O trágico e o ridículo vão muitas vezes a par. E quando assim é, é porque a tragédia ainda é maior. Na tragicomédia *A Tempestade*, Shakespeare quer mostrar que o mal existe - é preciso que se saiba que ele existe para o combater, porque derrotado nunca será. Estás a ouvir, Europa?

Senhor jihadista, posso ter a Grã-Bretanha de volta? Obrigada.

Maria João Marques

OBSERVADOR | 27/8/2014

A UE decidiu tolerar o barbarismo e a opressão como sinal de (imagine-se) liberdade. O barbarismo pagou-nos com redobradas atenções.

Sou anglófila até à medula. Contado depressa: adoro all things british. O folclore da finest hour, a forma como valorizam a excentricidade, o Yes, Minister e o *Fawlty Towers*, as livrarias e os autores curiosos que descobro nas livrarias (de fuga, nomeio a Charlotte Mendelson e o autor sino-americano de policiais Qiu Xiaolong), a Tate Modern, as latas de chá da Fortnum & Mason (e estou eternamente grata à East India Company por ter surripiado os arbustos do chá à China para os cultivar no norte da Índia e no Ceilão), as capas para iPad da Smythson, o Colin Firth.

Bom, tudo, tudo, não. Na verdade a Grã-Bretanha tem algo dentro de si verdadeiramente funesto. Algo cuja mais recente manifestação ocorreu algures pelo Iraque quando um londrino decapitou um inocente americano em frente a uma câmara de filmar. E que gerou ondas de choque, ai Jesus, como é possível que na Europa rica, democrática, tolerante, das Luzes germinem jihadistas? Cameron interrompeu até por uns dias as suas férias na Cornualha (região que também adoro e admito até uma leve paixoneta por St Ives, que seria o meu local de veraneio de eleição não achasse eu um porto fazer férias ditas de praia em locais como Moledo ou S. Martinho da Neda que, afinal, são vários graus de latitude a sul de St Ives) para, presume-se, curar a arritmia dos mem-

bro do governo por tão inesperada notícia de que há malucos extremistas in the making em Londres.

Eu percebo o escândalo com o assassino de James Foley, mas escapa-me a parte da surpresa. Na verdade até diria que foi algo laboriosamente cultivado pelas autoridades britânicas. Lembremo-nos, por exemplo, do documentário de 2007 do Channel 4 que exibia casos claros de discursos de ódio e incitações à violência e ao crime em mesquitas britânicas. O que fez a polícia? Atacou o Channel 4 por representar mal aquilo que se vive nas inócuas mesquitas da ilha e pretender desinquietar as populações e roubar-lhes o sentimento de segurança (que, como se vê, é mais precioso para as autoridades britânicas do que a própria segurança).

É sabido e mais que documentado que muitas mesquitas britânicas são centros de radicalização, incitamento ao ódio e violência e recrutamento de jovens desequilibrados para uma guerra que têm a falta de pudor de chamar santa. Douglas Murray, na Spectator, faz um resumo dos casos envolvendo jihadistas britânicos que as boas consciências herculeamente ignoraram. Quem avisou que este caldinho seria calamitoso foi apelidado de islamofóbico e intolerante. E quem cala, consente, não é?

Na Grã-Bretanha discute-se – agora – com afã o que fazer para estancar esta colheita de extremistas. Assume-se que quem viaja para locais de guerra o faz com motivações terroristas e pede-se prova do contrário? Tira-se a cidadania a jihadistas apenas com cidadania britânica? Espero que não enveredem pelo caminho da vigilância orwelliana da NSA, mas desejo que de vez se esclareça que um clérigo defendendo que se bata na mulher e na filha se não se quiserem cobrir, que se chicoteiem os gays, que há glória em matar infieis, não está a exercer o direito à liberdade de expressão ou religiosa, está a incitar e a promover o crime e isso deve ser, em si mesmo, um crime. E que não se premeiam os locais do crime se estes se mascaram de locais de culto. Outra: que tal não permitir a exaltação e exibição das mortes e da violência islâmicas nas redes sociais?

França e Bélgica proibiram o símbolo da anulação dos direitos humanos das mulheres que os muçulmanos orgulhosamente impõem ao seu lote feminino: a burca. Os Estados Unidos têm maioritariamente um Islão conservador mas em paz com o país. A Grã-Bretanha, entregue a tanta tolerância multicultural, consegue albergar duas tendências islâmicas particularmente anacrónicas (os deobandi e os wahhabitas), ser um centro europeu de mutilação genital feminina, ter um número crescente de crimes ditos de honra e de casamentos forçados aplicados às raparigas muçulmanas que teimam em se ocidentalizar, permitir que nas comunidades muçulmanas a legislação britânica seja ostensivamente ignorada e substituída pela dos países de origem dos imigrantes. E é o maior produtor e exportador europeu de jihadistas. Sem ser picuinhas, diria que até ver o resultado não é animador.

Mas não é certo que seja desta que se enxotem as avestruzes. Já começou a campanha a vender que o extremismo islâmico não tem nada a ver com o Islão. Mehdi Hasan garante-nos que os europeus que se juntaram ao ISIS não passam de dodivanas que leram umas coisas na diagonal sobre o Islão e até os terroristas do 11 de setembro não eram bem muçulmanos porque tinham namoradas e vidas sexuais. (Que isto de ser um crente maltrapilho é só para as outras religiões, os jovens muçulmanos são imunes às tentações da carne). Mas

mesmo que tal fosse verdade – e todas as mesquitas britânicas locais salubres – ficaria sempre por explicar a razão de todos os enjeitados sociais escolherem lutar e matar em nome do Islão e não, sei lá, do animismo.

Em vez de dizer a quem execra o nosso modo de vida mas quer impingir-se por cá 'para leste do Dnieper e para sul do Mediterrâneo, se faz favor', a UE decidiu tolerar o barbarismo e a opressão como sinal de (imagine-se) liberdade. O barbarismo pagou-nos com redobradas atenções.

As reuniões de jovens pelo Facebook e a outra pobreza

PEDRO AFONSO Público, 29/08/2014

O problema reside na incapacidade que muitos destes jovens têm em planear o futuro e adiar a gratificação.

Recentemente ficámos surpreendidos com um encontro de centenas de jovens no Centro Comercial Vasco da Gama, em Lisboa, convocado através do Facebook e que terminou com cinco agentes e um jovem de 15 anos feridos, e com dois jovens acusados de resistência e coação à autoridade.

A abordagem de qualquer fenómeno desta natureza é sempre parcial e incompleta, pois cada um destes jovens mobilizados para estas ações através do Facebook tem um percurso de vida único. Além disso, é provável que nestes grupos haja vários jovens "normais" e bem adaptados. Mas afinal o que pode explicar alguns comportamentos antissociais? O que pensam estes jovens? O que sentem? Quais são as suas expectativas sobre a vida?

Quando na infância e na adolescência não se reúnem um conjunto de condições para um normal desenvolvimento psíquico existem sempre consequências. A personalidade é habitualmente afetada, transformando-se nalguns casos numa personalidade doente e perturbada. Neste contexto, estes jovens têm grandes dificuldades de adaptação à sociedade, as relações interpessoais são problemáticas, têm reduzida tolerância à frustração, o que juntamente com a pressão do grupo e alguma impulsividade pode explicar (mas não justifica) alguns comportamentos antissociais observados.

O que pensam estes jovens? Uma grande parte destes jovens pensam essencialmente num assunto: o presente. A satisfação dos desejos imediatos, encontra-se muito ligada à cultura consumista e hedonista. A preocupação está muitas vezes em obter o último gadget ou a roupa da moda. Mas não existe propriamente um comportamento desviante nisto, pois todos nós somos um pouco assim. O problema reside na incapacidade que muitos destes jovens têm em planear o futuro e adiar a gratificação. Esforçar-se hoje para ser recompensado amanhã. Esta é uma característica fundamental para se transitar de uma personalidade imatura para uma personalidade madura. Infelizmente, muitos não são ajudados, nem motivados, para adquirirem esta importante competência social.

O que sentem estes jovens? Por experiência profissional posso afirmar que muitos destes jovens sentem falta de amor, pois têm graves carências afectivas. Dentro de si próprios persiste um enorme sentimento de revolta e rancor. Por vezes mistura-se ainda um sentimento crónico de vazio interior. Assim, basta um pequeno rastilho para surgir a agressividade e a violência. Mas o problema também tem outra dimensão. A nossa sociedade tem promovido nos últimos anos, junto dos jovens, uma cultura afectiva epidérmica, superficial, onde tudo é sexualizado e erotizado. Por esse motivo, nota-se um autêntico analfabetismo emocional, bem visível pelo fato de atualmente muitos jovens não disporem sequer de um vocabulário diversificado para expressarem as suas emoções. Tudo se resume ao "gosto", "não gosto", "desejo-te", "já não significas nada para mim". Para os mais desatentos, bastará assistir a alguns reality shows para se comprovar este fenómeno que não é mais do que a promoção da estupidificação afectiva da sociedade.

Uma boa adaptação social obriga a que possamos compreender os nossos sentimentos. As nossas emoções também se pensam e isso é essencial para o autocontrolo, tão útil na nossa vida. Sem autocontrolo não somos verdadeiramente pessoas livres, já que ficamos escravos das nossas emoções. É nesta base que assenta o conceito de inteligência emocional e que pode ser desenvolvido em qualquer um de nós.

As expectativas sobre a vida de vários destes jovens são muito baixas e a sua existência está frequentemente centrada no aqui e agora. Se perguntarmos a alguns deles qual é o seu projeto de vida, a resposta habitual é o silêncio. Se insistirmos na pergunta, a resposta surge num tom enfadado: "nunca pensei muito sobre isso". Esta é a maior pobreza: ser jovem e não conseguir pensar no futuro.

Mistérios da fé: os Zés que fazem falta

Helena Matos | Observador 31/8/2014

Enquanto lisboeta regozijo-me por José Sá Fernandes ter a seu cargo os jardins. Suponha-se que lhe tinham dado rédea livre para as estátuas, cruzes, bibliotecas pejadinhas de livros ultrapassados?

O carácter messiânico da esquerda que quer sempre ser mais esquerda, mais

pura e que passa a vida a garantir que agora é que vai ser produz a nível internacional fenómenos como Hollande (são dignos de uma antologia da fé os títulos da imprensa portuguesa após a eleição de Hollande) e, numa pequena escala, gera fenómenos como José Sá Fernandes que assim que passam das palavras aos actos se assemelham àqueles balões que mal saem das mãos do vendedor para as da criança começam a perder gás. (Ainda não me recompus dos cinco euros que dei por um balão Hello Kitty na precisa semana em que se descobriu que a dita afinal não é uma gata mas sim uma menina e para meu azar o balão também descobriu que não quer ser balão e está para ali mais vazio que os nossos bolsos depois de pagarmos os impostos com que este governo mais liberal de sempre nos presenteia.) Pois o nosso Zé, o tal que nos garantiam fazia falta, é uma dessas figuras. Agora deu-lhe para embirrar com os buxos da Praça do Império: "estão ultrapassados" diz a assessoria de imprensa do vereador que, talvez no entusiasmo de finalmente ter algo para comunicar, importou para a jardinagem um conceito da propaganda totalitária: só se conserva o que está de acordo com a ideologia dominante. O passado e o não conforme apagam-se. Cortam-se. Deixam-se secar.

Felizmente para nós que o vereador Sá Fernandes tem o pelouro dos jardins e assim só lhe sobram os buxos da Praça do Império e, daqui lhe lanço o meu repto, terá também de intervir nas hortas da capital, pois terá de admitir o senhor vereador que nisto de hortas citadinas, mais a mais biológicas, Salazar foi precursor. O senhor vereador já pensou que em cada lisboeta que planta verduras por essa capital fora se esconde um manhoso português sempre a dizer que tem saudades do campo, que na sua aldeia é que se está bem mas que depois não despega daqui nem por nada? Eu se fosse ao senhor vereador instituiria um exame de anti-salarismo aos candidatos a hortelões, para avaliar das suas intenções progressistas, porque sem essa avaliação corre-se o risco de cada pé de couve que medra na capital se transformar numa ode ao pretérito chefe de Governo, para todos os efeitos patrono honorário das hortas nesta Lisboa que desde o rinoceronte que el-rei D. Manuel I, o Venturoso de seu cognome, mandou ao Papa Leão X, já viu tanta coisa que nada a espanta. Nem sequer o senhor vereador!

De qualquer modo enquanto lisboeta regozijo-me por José Sá Fernandes ter a seu cargo os jardins. Suponha-se que lhe tinham dado rédea livre para as estátuas, cruzeiros, azulejos, bibliotecas pejudicadas de livros ultrapassados e demais símbolos doutros tempos? Não havia picaretas nem fogueiras que chegassem! Imaginem o que seria de nós se o vereador olhasse com olhos de ver para a fachada dos Jerónimos? Para a Torre de Belém? Para a esfera armilar que está no pelourinho da Praça do Município?... Lisboa tornar-se-ia num imenso Chão Salgado ou, numa versão mais épica, numa Cartago após a passagem de Cipião: todo o vestígio do passado seria apagado.

Assim com os buxos a coisa é mais fácil e menos aparatosa. E sobretudo talvez finalmente o senhor vereador consiga fazer alguma coisa. Porque por assim dizer o senhor vereador é uma espécie de personificação do inconseguimento, palavra do afecto da presidente do nosso parlamento e que colocou meio país a tremer quando, no 10 de Junho, Cavaco Silva desmaiou e já todos nos víamos no sarilho do inconseguimento de Assunção Esteves ter conseguido ser Presidente da República, facto que transformaria num detalhe a

rasoura que Sá Fernandes prepara aos buxos da Praça do Império. Mas deixemos essa terrífica visão presidencial no domínio do hipotético, que já temos agasturas que nos bastem, e voltemos ao nosso Zé que fazia falta, agora senhor vereador.

Que me recorde, o Zé enquanto vereador começou por querer criar uma marca de vinho e de azeite da capital. Nesta versão empreendedora também cogitou comercializar as amêijoas e as corvinas do Tejo. Estávamos então em Agosto de 2007. Para trás tinha ficado a fase em que Sá Fernandes era tão só advogado e se dedicava de alma e coração às providências cautelares que por pouco transformaram o Marquês de Pombal em campo santo. Aliás por alguns meses o terreno da Rotunda foi mais sagrado que o solo de Meca. Na santíssima graça do Senhor e também por abençoada intervenção da fraternidade devota do marquês, o Zé tornou-se vereador e Lisboa pode voltar a ser perfurada à vontade sem que a tribo do Zé e seus Zezinhos tivesse frémios de agonia de cada vez que um martelo pneumático toca o alcatrão da capital. (Iguamente abençoado com a infinita graça de 18,1 milhões de euros foi o consórcio responsável pela obra e que colocou a Câmara de Lisboa em tribunal por causa das obras paradas no túnel do Marquês de Pombal. Mas note-se que os lisboetas até ficaram agradecidos por só terem pago 18,1 milhões de euros de indemnização, pois, como pressurosamente os jornalistas escreviam, a Câmara até conseguira poupar 6,5 milhões no acordo que fez com o dito consórcio, já que o tribunal fixara o valor da multa em 24,6 milhões de euros. Não sei se o Zé vereador participou nestas reuniões em que se tratava das multas provocadas por Zé impugnador ou se andava no Tejo em busca das corvinas. Mas estou em crer que o consórcio deve ir a Fátima todos os anos rogar para que Nossa Senhora, que tanto pode, dê muita saúde ao senhor vereador e sobretudo para que este quando deixar as presentes funções se dedique de novo às saudosas e benfazejas providências cautelares.)

É certo que o executivo municipal não acompanhou o Zé nos negócios da agricultura e da pesca. Assim o nosso Zé virou-se para o ar e em Fevereiro de 2008 anunciou a Parada do Vento. A mesma começou por ter uma designação apropriadamente em inglês, Wind Parade 2008, e constava de 25 torres eólicas, com a altura de quatro andares, que iriam ser instaladas junto da segunda circular, no Jardim Amália Rodrigues, no Parque Recreativo dos Moinhos de Santana, no Alto da Serafina, no Parque da Belavista, na Avenida da Índia, nos Olivais, na Piscina Municipal da Boavista, na Avenida Calouste Gulbenkian, junto à Cordoaria Nacional e na Avenida Padre Cruz. A Wind Parade surgia apadrinhada pelas European Wind Energy Association, Sustainable Energy Europe e Associação Portuguesa de Energias Renováveis que nestas coisas o nosso Zé arranja sempre muitos nomes para o apoiar. O vereador Sá Fernandes sabia de fonte certa que cada turbina, por ano, pouparia até 2,15 toneladas de CO2 e daria um rendimento de 2184 euros. Em Março, as turbinas já estavam reduzidas a quinze. Afinal Lisboa tem ventos que chegam e sobram, mas estes não correm de modo a produzir energia. Pouco depois a Wind Parade ficou transformada num evento simbólico em que se colocariam apenas algumas turbinas, para que o cidadão a elas se habituasse. E por fim nem isso. Após esta desfeita que lhe foi pregada pelos ventos, o vereador voltou de novo à terra. E virou-se para os jardins. O Príncipe Real – aí está uma designação toponímica ultrapassadíssima pois já não existindo em Portugal príncipes menos se entende que se distingam os príncipes uns dos outros! – foi uma das vítimas das intervenções do Zé que de fazer falta no executivo estava nesta fase quase a tornar-se no Zé que o executivo já não podia ver e sobretudo não queria que fosse visto. O subsolo parecia ser um local apropriado a energia criativa do vereador. Em boa verdade o pavimento de alcatrão do Jardim do Príncipe Real não tinha problema algum mas Sá Fernandes entendeu que o mesmo devia ser substituído por um saibro estabilizado, feito à base de pó de vidro reciclado. Garantia então o vereador que só quem tivesse "memória curta" não veria as melhorias no piso. Se por melhoria se entender um irrespirável terreiro de pó no Verão e um lamaçal no Inverno pode falar-se em melhoria. Dado que ninguém confirmava a melhoria, antes pelo contrário, a CML optou por pulverizar o pavimento com uma espécie de cola que evitaria a libertação do pó de vidro no ar. Resultado: o piso do Jardim do Príncipe Real, que nesta fase parecia um campo experimental da guerra química, abateu e rachou.

E então Sá Fernandes desgostoso com o Tejo que não lhe deu amêijoas nem corvinas, triste com a Tapada da Ajuda que não produzia azeite nem vinho, traído pelos ventos que não geraram energia, malquistado com o solo da capital que qual praga bíblica ora se desfazia em pó ora se fendia, virou-se para os buxos da Praça do Império. Não trata deles. E pronto! Desde que Gomes da Costa nos finais do século XIX resolveu adequar à sua visão da História os quadros dos vice-reis da Índia e demais notáveis da nossa História que ornamentavam o Palácio do Governo na Índia portuguesa que não se via uma coisa assim. O militar, que havia de chegar a Presidente da República, não satisfeito com as representações pouco grandiosas desses nossos preclaros antepassados, avançou de pincel para os quadros e, mais barba menos armadura, compôs-lhes as vetustas figuras com a mesma resolução que depois o notabilizaria

na guerra e nos golpes de Estado. O resultado foi mais devastador para a memória do Império que o arranque dos buxos dos brasões que o senhor vereador se propõe agora levar a cabo: ao certo não se sabe quem é quem naquela sucessão de heróis que nos olha, severa e atónita com o des-pautério, em 75 painéis, 42 dos quais recriados a gosto por aquele que anos mais tarde se tornaria no marechal Gomes da Costa.

Ora não há-de o senhor vereador ser menos que Gomes da Costa. Ele criou-nos um imbróglgio histórico com as barbas de Afonso de Albuquerque e chegou a Presidente da República. O senhor vereador que por esse seu percurso também me parece talhado para mais altos voos quer alterar os brasões. Por mim, como lisboeta que sou, estou por tudo: se já paguei a obra anunciada num túnel, mais a multa pela providência cautelar e ainda a nova obra no mesmo túnel, porque não hei-de agora pagar o desbaste dos buxos mais as plantinhas que os irão substituir? Desde que não os substitua por aqueles calhaus e três pés de bambu que agora ornamentam tudo que é jardim e que a mim me destrambelham os nervos, tudo bem. E já agora, se findo este mandato municipal pensa voltar ao activismo das providências cautelares avise para o mail que segue abaixo porque nesse caso eu monto um consórcio e vou dedicar-me às obras públicas com as quais espero que o senhor vereador então já advogado volte a embirrar. Ou então montamos uma empresa de jardinagem.

Como o senhor vereador calculará eu sou uma mulher conservadora, logo nutro uma forte embirração para com as áreas mais rentáveis da jardinagem, a saber o cultivo de produtos alternativos ao tabaco. (Valha a verdade também já estamos os dois um bocado velhos para andarmos a brincar aos hippies, coisa que feita a consabida excepção aos Rolling Stones só é esteticamente aceitável até aos vinte e poucos anos.) Mas não digo que não à produção de buxos. Com formatos actualizados e ultrapassados.

A sério, o futuro de José Sá Fernandes preocupa-me. Porque, assim como assim, nós vamos ter sempre de aturar e sustentar os Zés que os messiânicos de serviço colocam no andor. E convenhamos que na galeria dos candidatos a tal lugar José Sá Fernandes até nem é dos piores. Nem o que nos causará mais dano. Perigosos são aqueles que se serviram dele e que agora o largam como coisa descartável que é e já andam por aí noutras procissões com outros que garantem fazer falta no andor.